

Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua Segunda _ Especificidades do aluno angolano

João Muteteca Nauege

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

Orientadora:

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Janeiro, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Linguística, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

(Professora Catedrática)

Declaração

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e bibliografia.

O candidato:

João Muteteca Naege

Lisboa,-----2015

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora, Professora Dra. Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

(Professora Catedrática)

Lisboa,-----2015

Dedicatória

Aos meus pais, Francisco Nauege [que Deus o tenha] e Cecília Capinga

À minha irmã [e segunda mãe] Verónica Cupa Nauege, que por mim tudo e muito fez para que eu fosse o orgulho da família.

Aos meus filhos, Fábio Nauege, Márcia Nauege, Áurea Nauege e Onírio Nauege, pela compreensão não revelada, por não conseguir dar o carinho e atenção quando precisavam.

À minha esposa e companheira Ana Chissola, que sempre soube esperar por essa infinita viagem.

A todos os meus irmãos e irmãs, aos primos, sobrinhos, que procurem seguir esta aventura, buscando o mundo do conhecimento mesmo os caminhos sendo sinuosos para alegrar a alma, aos amigos e a todos que acreditam e acreditaram sempre nos meus esforços.

O meu bem haja!

Agradecimentos

Quando se realiza um projeto com estas características, vem da alma a imperiosa necessidade de agradecer a um manancial de entidades e pessoas particulares que, de um ou de outro modo, me ajudaram para o logro do mesmo, a começar por uma entidade das entidades, Deus todo-poderoso.

Assim, a transformação das minhas ideias em realidade foi possível graças a Deus, que me deu saúde, paz de espírito e sabedoria oportuna em todos os momentos da pesquisa.

Esta dissertação só foi possível, também, graças a pronta e incondicional disponibilidade da Professora Catedrática Doutora Maria Teresa da Fonseca Rijo Lino, que desde o primeiro momento aceitou o desafio de me ajudar a delinear o pensamento e tornar claro quando necessário o foco da mesma, foi-me encorajando e proporcionando todas as condições necessárias para a abordagem a que me propus, assim nunca é demais expressar os meus sinceros e eternos agradecimentos.

Muitas pessoas, umas com participação direta outras com participação indireta, ajudaram-me mesmo sem pronunciarem palavra alguma, porém se foram assumindo como refrigério da minha ansiedade. Por esse facto parece-me ser delicado citar nomes, sob pena de me esquecer de alguns inusitadamente.

Agradecer não faz mal a ninguém, por isso, tenho de fazê-lo, mas sem critérios hierárquicos, dirijo os meus agradecimentos:

À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na pessoa da Professora Doutora Teresa Brocardo, Coordenadora executiva do Curso de Ciências da Linguagem.

Às Professoras do Departamento de Linguística, Doutora Maria do Céu Caetano, Doutora Clara Nunes Correia, Doutora Rute Costa, Doutora Maria Lobo, Doutora Alexandra Fiéis, Doutora Matilde Gonçalves, Doutora Raquel Silva, por ensinamentos sábios e ajudas pontuais ao longo da minha frequência nos seminários de especialidade de que foram responsáveis.

Aos Diretores das escolas que me ajudaram no decurso da realização do estudo empírico, manifesto aqui a minha profunda gratidão pelo valiosíssimo apoio, sem o qual seria difícil a obtenção de dados necessários para a minha investigação.

Aos professores e alunos que aceitaram sem reservas realizar as tarefas propostas para a consequente obtenção de dados para análise.

Aos meus amigos que sempre manifestaram a valorização do meu trabalho e saudades pela minha sistemática ausência do País.

Reitero que agradecer não faz mal a ninguém, mas a finalizar e não menos importante, agradeço a todos quantos têm estado ao meu lado nos momentos cruciais e [bons e maus] da minha família.

Resumo

A presente dissertação insere-se no âmbito do mestrado em Linguística: Ciências da Linguagem. Com este trabalho pretende-se, com base num estudo de caso sobre a Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua segunda, constatar se os alunos angolanos que aprendem o Português como Língua segunda adquirem e desenvolvem a competência lexical, atendendo às suas especificidades.

Nesta dissertação discute-se sobre o ensino do Português e consequente aquisição da competência lexical, face à realidade plurilingue considerando as metodologias adotadas para o efeito. Sendo o português a língua do discurso pedagógico em Angola, e concomitantemente, língua segunda para a maioria da população angolana que é utente de diversas línguas (locais, nativas) designadas nacionais ou africanas de Angola, suscitou o mais vivo interesse em refletir sobre o seu ensino, as metodologias usadas para o efeito, visando a aquisição e o desenvolvimento da competência lexical de alunos que o aprendem.

A pluralidade linguística de Angola coloca ao estado, aos professores de Língua Portuguesa, e não só, desafios enormes no que diz respeito à adoção de política linguística, quer da Língua Portuguesa, quer das línguas africanas de Angola no que concerne ao seu ensino e na promoção do sucesso escolar nos mais variados níveis de escolaridade.

Por estas e outras razões, defende-se nesta dissertação não só a clarificação de metodologias adequadas e contextualizadas para o ensino do Português em Angola, tanto como língua segunda ou como língua materna, optando-se por uma ou outra metodologia com base na realidade específica do aluno, pois não se deve ignorar a proveniência linguística primária do aprendente, para que se consigam aprendizagens harmoniosas, sólidas e significativas.

Palavras-Chave: Aquisição/aprendizagem, Língua segunda, Competência lexical, Léxico

Abstract

This dissertation is part of a masters' degree in Linguistics: Language Sciences. Based on a case study on Acquisition of Lexical Skills in the Learning of Portuguese as a Second Language, this dissertation aims to establish whether Angolan students who learn Portuguese as a second language acquire and develop lexical skills when their specificities are taken into consideration.

This dissertation discusses the teaching of Portuguese and consequent acquisition of lexical skills when faced with a plurilingual reality and considering the teaching methodologies adopted. Portuguese is, in addition to being the language of learning in Angola, a second language for the majority of the population. As numerous other languages (local, tribal) are also recognised as having national importance, it was considered of great interest to reflect on the teaching of Portuguese, the methodologies used, in addition to contemplating the acquisition and development of lexical skills of its learners.

Angola's linguistic diversity challenges the State, Portuguese teachers and other players in terms of adopting language policy, both in terms of Portuguese and national languages or Angolan African languages when considering teaching and encouraging academic success at all levels of education.

For these and other reasons, not only does this dissertation defend the clarification of adequate and contextualised methodologies for the teaching of Portuguese in Angola, be it as a second or mother language, choosing one or another methodology based on the specific realities of the student, as the linguistic origin of the learner cannot be ignored in order to ensure harmonious, solid and significant learning.

Key words: Acquisition/learning, second language, lexical skills, lexis.

Índice

Resumo

Abstract

Dedicatória

Agradecimento

1.Introdução	1
1.1. Razões da escolha do tema	2
1.1.2. Fundamentação teórica	3
1.1.3.1. Objetivos do estudo	5
1.1.3.1.1.Estrutura da dissertação	6
CAPÍTULO I. Angola: comunidades etnolinguísticas	
1.1.3.2.Breve caracterização geográfica e sociolinguística de Angola.....	7
1.1.4. As Línguas Bantu.....	7
1.1.4.1. As Línguas não Bantu.....	9
1.1.4.1.1. Breve caracterização geográfica e sociolinguística da Lunda-Norte.....	10
1.1.5. O Contacto entre Línguas	13
1.5. Português Língua Segunda em Angola.....	15
1.6. Português Língua Oficial	16
1.6.1. Português Língua Materna.....	17
1.6.2. Português Língua Estrangeira.....	19
1.6.3. Aquisição e aprendizagem de línguas.....	20
1.6.4. Síntese do I capítulo.....	24
CAPÍTULO II. Aquisição da competência lexical em Língua segunda	
2. Léxico	25
2.1. Vocabulário.....	27
2.1.1. Aquisição do Léxico	27
2.1.1.2. Ensino-Aprendizagem do Léxico	28
2.1. 1.3.Homonímia e Polissemia.	30
2.1.3.3.1. Sinonímia	32

2.2.2. Neologia e neologismos	34
2.2.3. Competência Lexical	35
2.2.4. Na oralidade	38
2.2.5. Na leitura.....	39
2.2.6. Na escrita	41
2.2.6.1. As funções do dicionário no desenvolvimento da competência lexical	43
2.2.7. Síntese do II capítulo	44
CAPÍTULO III- Metodologia do Estudo	
3. Procedimentos Técnicos e Metodológicos.....	46
3.1.Caraterização dos inquiridos.....	46
3.1.1.Tipologia de inquérito.....	47
3.1.1.2. Objeto de estudo e Delimitação do campo de investigação.....	47
3.1.1.3.Análise e Interpretação de dados	48
3.1.2.4.Gráficos de professores.....	48
3.1.2.5. Gráficos de alunos	50
3.1.2.5.1.Quadros de teste de avaliação do capital lexical.....	53
3.1.2.5.2.Bateria A. Sinonímia.....	54
3.1.2.5.3.Bateria B. Homofonia	55
3.1.2.5.3.1.Apresentação e Discussão dos Resultados.....	56
3.1.2.5.3.1.1.Síntese do III Capítulo	60
3.1.2.6.Conclusões	61
3.1.2.7. Breves sugestões	63
3.2.2.7.1.Bibliografia	66

Anexos

Questionário de professores

Questionário alunos

Pedidos de autorização às Escolas

Programa 6ª classe

Ficha pedagógica

Texto alunos

1.Introdução

O estudo que agora se submete à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, situa-se na área de Linguística; trata-se basicamente, da análise e descrição da aquisição da competência lexical na aprendizagem da Língua Portuguesa como língua segunda no contexto de Angola.

Atendendo às reais condições do ensino-aprendizagem do Português em Angola, privilegiou-se um estudo de caso sobre aquisição da competência lexical na aprendizagem do Português, tendo em consideração às especificidades do aluno angolano.

O Português ganhou um estatuto de língua oficial em Angola, mesmo com a descolonização do País, devido à realidade multilingue, passando este a ser o único instrumento com validade na comunicação entre os angolanos em toda a extensão territorial, uma vez que as outras línguas de Angola “bantu e não bantu” reduzem-se a um círculo regional ou Provincial.

Com a oficialização da Língua Portuguesa como veicular, disciplina curricular, e de contacto com o exterior, foram surgindo, sem dúvida, novas situações de uso por parte de vários grupos étnicos que compõem o mosaico etnolinguístico de Angola. Como consequência de contacto entre línguas, foram aparecendo situações de interferências linguísticas inevitáveis entre línguas vivas.

As condições acima aludidas propiciaram a expansão rápida do Português, invadindo até as zonas rurais com a fuga da população destas para as áreas urbanas consideradas seguras, tendo contribuído para este facto a guerra que grassava o País; assim, muitos angolanos começaram a apropriar-se do Português como língua materna.

O plurilinguismo social e o bilinguismo individual devem ser encarados como desafios que se colocam aos professores do Português e aos linguistas, de modo geral, para se repensar o ensino do Português em Angola.

Estes e outros elementos fazem com que o Português tenha de ser ensinado de acordo com a realidade de Angola, evitando-se o transplante de metodologias e técnicas

que não se adequam à realidade do aluno angolano, visando a aquisição e o consequente desenvolvimento da competência lexical.

À semelhança da maioria esmagadora de países africanos, Angola passou pelo processo de dominação colonial, e o aluno angolano vê-se confrontado com adoção de uma língua segunda, por sinal, a que fora imposta pelo sistema colonial como a de escolarização obrigatória e, posteriormente adotada sem imposição por razões óbvias, motivo mais que suficiente para aquisição de uma competência lexical que facilite uma comunicação fluida e à altura das exigências globais.

A competência lexical numa língua de escolarização é um esteio indispensável para a compreensão de fenómenos decorrentes do processo de ensino e aprendizagem por parte de qualquer aluno, e, conseqüentemente, o logro de resultados satisfatórios durante as aprendizagens.

Nesta lógica formula-se o seguinte problema:

Como melhorar a aquisição da competência lexical na aprendizagem do Português Língua segunda, tendo em conta as especificidades do aluno angolano?

1.1. Razões da escolha do tema

Apesar de o Português ser a L2 para a maioria esmagadora da população de Angola, assume-se como língua de unidade nacional, gozando de um estatuto de alto prestígio de entre as mais línguas que com ele coexistem no mosaico cultural de Angola. Acrescentando-se a isso o facto de ser a língua de escolarização e nacional, no sentido de ser a que abrange todo o território de Angola, e não no sentido nativo. A aquisição da competência lexical em Língua Portuguesa reveste-se de grande importância por ser esta, cada vez mais, um instrumento fundamental para a inserção social, afirmação e gozo pleno de cidadania.

A escolha do tema: **“Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua segunda - Especificidades do aluno angolano”**, como objeto de estudo, prende-se, duplamente, com razões de ordem profissional e pessoal. Profissional, como professor de Língua Portuguesa, interessado pela aquisição e posterior desenvolvimento da competência lexical por parte de alunos que têm o

Português como Língua segunda; e pessoal, pelo facto de ser mais um exercício que possa contribuir, de modo consciente, para debelar algumas dificuldades que ainda subsistem no ensino em Angola.

1.1.2. Fundamentação teórica

A aquisição e o posterior desenvolvimento de qualquer competência linguística não são obras do acaso, resultam em casos de aprendizagem de uma língua segunda, como o é de Português em Angola, de um conjunto de métodos consentâneos e contextualizados e não desfasados da realidade do aprendente, tendo em apreço que a realidade específica do aluno angolano é caracterizada por um plurilinguismo social e um bilinguismo individual.

A descrição sistemática sobre a situação do ensino do Português em Angola, e mormente, a Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua segunda, considerando as especificidades do aluno angolano, ainda não são satisfatórias. Consequentemente, há carência de obras ou trabalhos que se debrucem sobre questões lexicais na aprendizagem do Português Língua segunda. De antemão, reconhece-se a exiguidade de bibliografia para este trabalho. Começa-se esta dissertação fazendo recursos a trabalhos análogos, não só os que retratam a realidade angolana, mas também aqueles que se apresentam na mesma esteira de abordagem a que aqui se propõe.

O ensino-aprendizagem de língua segunda tem sido, nos últimos anos, abordado por vários especialistas que se interessam em compreender como se processa, quer a aprendizagem, quer a aquisição de uma língua segunda, Krashen (1981), Ançã (1999), Sim-Sim (1998), Leiria (2006), Duarte (2011). Dentre estes podem destacar-se alguns estudiosos (linguistas) de Angola que pela necessidade de descrever a realidade linguística que os rodeia puseram mãos-a-obra, produziram, mesmo em número escasso, trabalhos onde refletem sobre o ensino-aprendizagem do Português, quer como língua materna quer como língua não materna ou segunda, onde abordam a necessidade de aquisição ou aprendizagem eficientes do Português para o sucesso escolar, por ser a língua por excelência de escolarização em Angola, para a comunicação com o exterior dada a sua oficialidade nas instituições públicas. Marques (1985) faz referência à necessidade de não se ignorar nem negligenciar a situação plurilingue de Angola no

ensino-aprendizagem do Português, ou seja, esta situação acarreta implicações pedagógico-metodológicas. Mingas (2002) em relação ao ensino do Português fala da necessidade de adoção de uma política linguística para que se tracem estratégias de ensino do Português de acordo com a realidade de Angola. A aquisição da competência lexical por parte de alunos angolanos, de modo particular, e da competência linguística, de modo geral, para quem aprende o Português língua segunda, em alguns casos e língua materna em outros, será possível com adequação de aprendizagens à realidade, com a assunção clara de metodologias e técnicas para o efeito. Ressalta, ainda, Mingas a necessidade de as crianças aprenderem as suas línguas maternas para aprendizagens eficientes e eficazes com repercussões, até certo ponto, na aprendizagem do Português. Costa (2006) considera o afastamento das línguas maternas autótones da escola como um equívoco, do ponto de vista pedagógico e, ainda acrescenta:

“Saliente-se que a manutenção e difusão da língua portuguesa e a reabilitação dos idiomas bantu nacionais não traduzem medidas incompatíveis entre si, sobretudo se vistas segundo algumas das tendências mais recentes da pedagogia das línguas. Uma vez que o português representa uma língua segunda para a maioria dos loquentes, o processo do seu ensino e aprendizagem será tanto facilitado quanto mais encarado numa situação de bilinguismo [...] o conhecimento reflectido e sistematizado da língua materna por parte do sujeito implicado na aprendizagem da língua segunda, constitui a ponte de passagem que a esta última conduz, pelo que tem “um valor propedêutico” [...] nesta conformidade, a introdução das línguas autóctones, na escola, deverá ser encarada numa perspectiva de complementaridade, relativamente à difusão da língua portuguesa” (Costa 2006:46).

Percebe-se que os estudiosos angolanos convergem em muitos pontos no que toca aos caminhos por que tem que passar o ensino-aprendizagem do Português. É evidente a preocupação de adequação da metodologia, ou seja, não transladação e inculcação de métodos e técnicas alheios à realidade do aprendente, a preparação dos manuais de que se vão servir, quer os professores quer os alunos para ensinar e aprender o Português, a formação e capacitação permanentes de professores não se devem descurar para a promoção do sucesso escolar e do ensino de qualidade.

Silva e Gonçalves (2011:52) afirmam:

“[...] O conhecimento na língua materna é fundamental para aprendizagem de uma língua segunda, uma vez que se necessita da reflexão já feita sobre o funcionamento da língua materna para apropriação da língua segunda”.

Madeira (2008:192) citando Fries (1945), Lado (1957, 1975) reafirma o papel da língua primeira ou materna na aprendizagem da língua segunda: “[...] *the student who comes into contact with a foreign language will find some features of it quite easy and others extremely difficult. Those elements that are similar to his native language will be simple for him, and those elements that are different will be difficult*”.

Concluindo o que acima foi exposto, pode asseverar-se que a compreensão, o domínio da língua materna ou primeira dos alunos que aprendem o Português como língua segunda, por parte dos professores, é importante para a facilitação da inteligibilidade dos dois intervenientes, uma vez que a aquisição de uma língua segunda em parte pode ser facilitada ou dificultada pelas estruturas da primeira língua (materna), estando neste caso a aprendizagem da segunda língua em função da língua materna do aprendente.

1.1.3.1. Objetivos do estudo

- Verificar se o aluno angolano que aprende o Português língua segunda adquire e desenvolve a competência lexical.
- Sublinhar a relevância:

Das línguas maternas de Angola na aprendizagem do Português língua segunda;

Da lexicologia e lexicografia na aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno angolano, atendendo às suas especificidades.

- Explicar a importância da aquisição da competência lexical no aproveitamento escolar do aluno angolano que aprende Português Língua segunda.

- Sugerir metodologias que se adequem ao ensino do Português língua segunda, que permitam aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno angolano atendendo às suas especificidades.

1.1.3.1.1.Estrutura da dissertação

Quanto à estrutura, o estudo compõe-se de três capítulos precedidos de uma introdução que abarca razões da escolha do tema, fundamentação teórica, e objetivos de estudo.

No primeiro capítulo, faz-se uma caracterização geográfica e sociolinguística de Angola, de modo geral, e da Lunda-norte em particular (pano de fundo do estudo), das línguas bantu e não bantu que constituem o mosaico etnolinguístico angolano, o contacto entre línguas, os estatutos linguísticos (língua oficial, língua segunda, língua materna, língua nacional, língua estrangeira), aquisição/aprendizagem de línguas e uma síntese do referido capítulo.

No segundo, discute-se o léxico, o vocabulário, a aquisição do léxico, ensino/aprendizagem do léxico, homonímia e polissemia, sinonímia, neologia e neologismos, competência lexical na oralidade, na leitura e na escrita, e as funções do dicionário no desenvolvimento da competência lexical, culminando com uma síntese do capítulo.

No terceiro, explica-se a metodologia que permitiu a obtenção e análise de dados, os procedimentos técnicos e metodológicos, caracterização dos inquiridos, tipologia de inquérito, objeto de estudo e delimitação do campo de investigação, análise e interpretação de dados, gráficos de professores e alunos, quadros de testes de avaliação do capital lexical, apresentação e discussão de resultados, e uma síntese do capítulo.

Por último, as conclusões, breves sugestões, a bibliografia e os anexos.

CAPÍTULO I. Angola: comunidades etnolinguísticas

1.1.3.2. Breve caracterização geográfica e sociolinguística de Angola

Angola situa-se na costa ocidental da África Austral com uma superfície total de 1.246.700 km². A sua população está estimada em 24.300.000 (vinte e quatro milhões trezentos mil habitantes)¹. Etnolinguística e culturalmente é um País que apresenta uma grande diversidade. Em termos de limites geográficos, está limitado a Norte e a Leste pela República Democrática do Congo, a Noroeste pela República do Congo, a Sul pela República da Namíbia, a Este e a Sudeste pela República da Zâmbia e a Oeste pelo Oceano Atlântico.

No concernente à divisão administrativa, Angola é composta de dezoito Províncias, nomeadamente:

Bengo, Bié, Benguela, Cabinda, Cunene, Huambo, Huila, Luanda (Capital Política e administrativa), Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malange, Moxico, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Kwando-Kubango, Namibe Uíge e Zaire.

1.1.4. As Línguas Bantu

Em Angola, as línguas bantu e não bantu coabitam com o Português de uma forma amena, embora o Português goze de um estatuto de supremacia, tendo em conta que se assume como a língua oficial do País, relegando para segundo plano as demais que com ele coabita. Seja qual for o estatuto que se possa atribuir a estas línguas vulgarmente conhecidas como “línguas nacionais”, elas são funcionais e desempenham um papel fundamental para a comunicação dos povos, ajudando também na manutenção e preservação do património e da identidade cultural das comunidades bantu e não bantu do País.

¹ Dados do Instituto Nacional de Estatística, referentes ao censo populacional realizado em maio de 2014

Em face da supremacia que o Português tem em relação às outras línguas de Angola (Bantu e não Bantu), faz sentido a adoção de políticas linguísticas protecionistas para que num futuro próximo não se assista a um processo de glotofagia desencadeado pelo Português em relação às demais línguas angolanas, por ter estatuto claro e gozar de prestígio como instrumento de comunicação.

Tendo em conta que todas as línguas da humanidade, independentemente do seu estatuto, servem de instrumentos de comunicação e refletem a realidade social, histórica e cultural de cada povo, então, cresce ainda mais o interesse em preservá-las, como consequência, preserva-se todo um espólio de cultura, de história e da sociedade utente.

O Governo de Angola ciente da importância de que se revestem as línguas Bantu e não Bantu (línguas nacionais), há muito tem ensaiado a sua inserção no sistema de ensino, decisão saída do “II encontro das línguas nacionais”, como uma das medidas para a preservação das mesmas.

O termo bantu é o plural de “ntu” que significa homem, ser humano. Atualmente a maioria da população angolana é composta por bantu, povo que se estende da África Central, África Oriental à África Austral, constituindo-se em grandes aglomerados humanos.

Para Fernandes e Ntongo (2002:18) as línguas nacionais não têm um estatuto definido, apenas servem de línguas de comunicação a micro-nível, isto é, entre os membros que pertencem a mesma comunidade linguística.

O quadro abaixo resume a distribuição dos povos Bantu (grupo etnolinguístico maioritário de Angola) e as respectivas línguas, correspondendo, nalguns casos, a cada grupo mais de uma língua por alguns considerados como uma variante dialetal.

De ressaltar que esta ordem distributiva não tem que ver com a importância social, económica ou demográfica do grupo e da sua língua.

Grupos étnicos	Línguas
Ambundu	Kimbundu
Bakongo	Kikongo
Ovimbundu	Umbundu
Ovahalelo	Oshihelelo
Ovanyaneka-nkhumbi	Olunyaneka
Ovambo	Oshikwanyama
	Oshindonga
Tucokwe	Cokwe
Vangangela	Ngangela

1.1.4.1. As Línguas não Bantu

Segundo dados históricos, Ntodo e Fernandes (2002:17), os primeiros povos a habitar o atual território de Angola são os Khoisan e os Vátwa. Por este facto, os Khoisan e os Vátwa são considerados povos pré-bantu e não bantu.

Das línguas não bantu, destacam-se Kankala dos Bosquimanos e Vakankala dos Hotentote, constituindo-se um grupo com algumas variantes que se podem assim discriminar: Kankala: Bosquímano, Hotentote, Kazama, Kasekele e Kwankala.

Outro grupo não bantu é o dos Vátwa que integra as línguas Kwepe e Kwisi, tomando o povo os nomes das respetivas línguas. Quer os Khoisan quer os Vátwa, a simples vista não é tão fácil a sua distinção, apresentando algumas semelhanças, embora tenham características que tipificam cada grupo.

Os povos pré-bantu ou não bantu (Khoisan e Vátwa) circunscrevem-se à área sul de Angola, em pequenos grupos nas províncias de Cunene, Namibe, Kwando Kubango e Huila, ao passo que os bantu (línguas e povos) cobrem a totalidade do País.

1.1.4.1.1. Breve caracterização geográfica e sociolinguística da Lunda-Norte

A Lunda-Norte localiza-se no extremo Nordeste de Angola, aproximadamente entre os meridianos 18° e 22° e os paralelos 6° e 10° a Sul, no sentido Norte-Sul tem uma extensão máxima de 725 km e no sentido Este-Oeste uma largura máxima de 390 km.

A Lunda-norte é uma das dezoito províncias de Angola, com superfície total de 103.760 km², a terceira maior depois de Moxico e Kwando Kubango, situada a Nordeste, faz fronteira terrestre e fluvial a Norte e a Leste com a República Democrática do Congo, a Sul e a Oeste com as Províncias da Lunda-Sul e de Malange, a Nordeste com a República Democrática do Congo.

A Lunda-Norte é o resultado da divisão da Lunda com a sede em Henriques de Carvalho, atual Saurimo, em duas ao abrigo do Decreto-Lei nº 86/78 de 4 de Julho, dividindo a então Lunda, criada enquanto distrito, no ano 1895 a 13 de Julho precisamente nos finais do século XIX, passando a nova Província a ter sede inicialmente na vila do Lucapa e posteriormente na cidade do Dundo.

É na cidade do Dundo (capital), onde se selecionou uma população estudantil representativa, a julgar pela sua localização e, por afluírem a ela povos de diferentes grupos etnolinguísticos, de latitude e cultura diversas.

A Lunda-Norte dista a sensivelmente 1300 km da Capital do País (Luanda). Tem nove Municípios (Cambulo, Caungula, Capenda Camulemba, Chitato-Dundo, Cuango, Cuilo, Lubalo, Lucapa e Xá-Muteba) com uma população estimada em cerca de 800.000 habitantes²

A Lunda-Norte, à semelhança das outras regiões do País, é um mosaico etnolinguístico e cultural, nela habitam inúmeros grupos e subgrupos étnicos, com realce para: cokwe, Lunda, Bangala, Xinge, Luba, Bena May, Kakete, Kafia, matapha, Cacongo ou Bandinga, Holo, Kari, Suku, ou Mussuku, Khoge, Paka e Songo. Todos estes grupos e subgrupos pertencem ao grande grupo de línguas bantu.

² Dados do Instituto Nacional de Estatística, referentes ao censo populacional realizado em maio de 2014

O grupo étnico maioritário é o dos Cokwe, sendo a língua Cokwe a mais falada. Importa ressaltar que para outros povos ou grupos étnicos, a língua Cokwe funciona como língua de unidade (língua franca), sendo esta falada por todos para a comunicação no dia a dia, ou seja, quando indivíduos pertencentes a línguas diferentes se encontram a sua comunicação faz-se na língua Cokwe.



³ Lunda-Norte no contexto geográfico de Angola

³ Disponível em: [http://www.lundanorte.gov.ao/informacoes Provinciais.aspx %3Ftipo%.Dhistoria](http://www.lundanorte.gov.ao/informacoes_Provinciais.aspx%3Ftipo%.Dhistoria)

1.1.5. O Contacto entre Línguas

O contacto entre os seres humanos estabelece-se, normalmente, através da língua, quer dizer que, o social e o linguístico é indissociável, simultaneamente, as línguas entram em contacto instantâneo ou permanente, favorecendo novos pensamentos e a materialização de pensamentos prévios, que, normalmente são inerentes aos homens e às línguas em contacto.

Afigura-se importante atentar àquilo que se pode designar por contacto de línguas, de acordo com Xavier e Mateus (1990:99), contacto de línguas “*é a coexistência de duas ou mais línguas na mesma comunidade linguística que conduz a fenómenos de interferência mutua*”.

No caso do contacto existente entre o Português e as línguas locais de Angola, este contacto é permanente, tendo provocado já algumas mudanças assinaláveis nalguns paradigmas gramaticais do Português, chegando ao ponto de ter uma feição nitidamente angolana, sinal mais que evidente da mutação linguística ou variação, fruto do contacto. A este respeito Cunha e Cintra (1984:24) afirmam:

“ [...] o português é a língua oficial da República de Angola [...]. Trata-se de um português com base na variedade europeia, mas mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspeto fonológico e gramatical. [...] Características [...] divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores deste país”.

Assim sendo, o contacto entre o Português e as línguas angolanas deu-se, obviamente, por altura da colonização de Angola por Portugal, havendo trocas recíprocas de itens lexicais que prevalecem quer no Português quer nas línguas locais de Angola.

Faria (2003:35) refere que:

“O contacto entre línguas é um dos factores que mais contribuem para desencadear variação linguística a qual, ao ser progressiva e

sistematicamente incorporada nos usos dos seus falantes, levará eventualmente a uma situação de mudança de alguns dos parâmetros da língua. [...] O contacto com outras línguas é diário e não depende apenas da localização geográfica dos falantes, em regiões de fronteira ou no interior de outras comunidades, mas do tipo de relacionamento possível no âmbito das relações [...]”.

O contacto entre línguas propicia outros fenómenos linguísticos, tais como o bilinguismo e o plurilinguismo entre outros. Angola assiste a estes fenómenos, por diversas razões, em que se pode, aqui, assinalar algumas:

(i) Antes da sua colonização Angola já era habitada por diversos povos, constituindo diferentes reinos;

(ii) A imposição, até certo ponto, da Língua Portuguesa pela potência colonizadora, não vergou as línguas nacionais como era de se esperar, antes pelo contrário, ajudou-as a manter-se como que numa incubadora, tendo ressurgido com certo vigor após a descolonização;

(iii) Está-se perante um bilinguismo individual e um plurilinguismo social, devido à oficialização do Português como língua de Angola e a não clarificação do estatuto das línguas locais, havendo imperiosa necessidade da sua aprendizagem (Português) por todos angolanos para a sua inserção na sociedade e o gozo pleno da sua cidadania;

(iv) Outrossim, a Língua Portuguesa goza de prestígio dentre as línguas faladas em Angola, por ser de escolarização, de contacto com o exterior e da administração pública.

A língua seja qual for, desde que seja viva, é de natureza social, daí a inevitabilidade de contacto entre as línguas, implica dizer que, o contacto pode ser imposto ou livre, dá-se e dar-se-á sempre no âmbito das relações humanas.

Em relação ao contacto havido entre Português e línguas locais de Angola, muitos estudiosos reafirmam a necessidade de se estabelecer políticas que valorizem as línguas locais, sob pena de perderem a sua função identitária.

Para Marques (cf.1983:206): “a escolaridade em língua materna, mesmo representando uma mudança de vida para a criança, não cria nela qualquer ruptura profunda, pois que a escola é uma nova etapa do seu

desenvolvimento, o qual é feito através de um instrumento de comunicação que lhe é natural: a língua”.

Em função da dinâmica sociolinguística que caracteriza todas as sociedades, a assunção e a adoção de políticas que defendam o ensino das línguas locais pode ter repercussões muito positivas no ensino da Língua Portuguesa em Angola, se se tiver em consideração que, quer as línguas locais quer a Portuguesa o contacto entre si é secular, e esta última pelo estatuto de oficialização de que goza serve de elo no contacto com outras realidades além-mundo.

Mingas (2002:47) defende que:

“[...] a melhor educação a fornecer a uma criança é feita na língua que ela melhor compreende ou seja a sua língua materna, através da qual ela expressa, facilmente, as suas emoções e capacidades criativas, [...] a prática de um ensino que assente na descontinuidade entre a língua da comunidade e a da escola poderá não só provocar uma perturbação da expressão, consubstanciada numa incapacidade de raciocinar correctamente em qualquer das línguas em presença, mas também numa incapacidade de raciocinar de modo coerente nessas mesmas línguas [...]”.

Estes pontos de vista, partilhados por estas autoras, ilustram a necessidade perene de se criar condições que propiciem o estudo das línguas locais de Angola, e sua ligação com o Português no ensino deste, visando a consecução de boas aprendizagens.

1.5. Português Língua Segunda em Angola

Assume-se não ser fácil dar uma definição cabal de língua segunda ou outra qualquer num contexto como o de Angola, que é sobejamente plurilingue. Quer dizer, não se chega a uma noção unívoca de definição de género quando se trata de uma realidade sociolinguística complexa e multiforme como a de Angola.

Anã (1999: 14-16) define-a como:

“Uma língua de natureza não materna [...] mas com um estatuto particular: ou reconhecida como oficial em países bilingues ou plurilingues, nos quais

as línguas maternas ainda não estão suficientemente descritas, [...] ou ainda, com certos privilégios, em comunidades multilingues, sendo essa língua uma das línguas oficiais do País”.

Nesta definição, normalmente, há pontos de contacto entre a língua segunda e língua estrangeira, diferenciando-se apenas no espaço de aulas.

Devido ao contacto secular e ao enraizamento do Português em Angola, não parece fecundo abordar e ensinar-se o Português como língua estrangeira.

O próprio contexto atual permite asseverar que há um número crescente da população de Angola que se está apropriar do Português como língua segunda, por este motivo e outros, parece razoável que se aborde e ensine o Português como língua segunda, apesar de em contextos justificáveis (áreas urbanas) se possa também ensinar o Português como língua materna, mas estrangeira, modéstia parte, já seria desfasado.

1.6. Português Língua Oficial

Em Angola o Português é assumido como a língua oficial, coincidentemente, é a língua segunda para a maioria dos angolanos. Estatuto este que viria a ser legitimado recentemente com a aprovação da nova constituição da República em (2010), no seu artigo 19º sobre línguas, postula que: “*A língua oficial da República de Angola é o português*”, p.11.

O Português em Angola é uma língua institucional, sendo usado na administração pública, língua do discurso pedagógico ou de escolarização, de contacto com o exterior, e contacto entre angolanos de diferentes línguas africanas designadas por línguas nacionais.

A oficialização do português em Angola, até certo ponto, retira a conotação de ser língua “estrangeira” como era vista anteriormente, mas nalgumas situações, ainda pode ser vista como tal, “estrangeira” por ser aprendida apenas, na sala de aulas, isto é, na escola.

Não raro é ouvir em Angola, termos como língua nacional, língua local ou regional, às vezes para significar a mesma coisa, por exemplo, associa-se ao termo língua

nacional às línguas (bantu e não bantu), isto é, nativas; e a língua local ou regional a uma língua nacional/nativa (bantu ou não bantu) que se fala apenas numa Província ou numa localidade.

Nesta panóplia de designações ou terminologias, salta à vista o facto de nenhuma das línguas africanas de Angola ser verdadeiramente nacional, em termos de abrangência, estão todas confinadas a regiões específicas e não ao território nacional. Pelo que, a designação de línguas nativas ou africanas de Angola enquadra-se perfeitamente.

Com base nisso, o Português assume-se, de forma natural, como a língua nacional de Angola, se se tiver em consideração a sua abrangência territorial, e não a origem.

Estas situações objetivas tornam o mosaico etnolinguístico angolano complexo quando se está a abordar sobre o ensino do Português, em especial, e o das outras línguas, de modo genérico.

1.6.1. Português Língua Materna

No ensino/aprendizagem de uma língua é normal surgirem muitos conceitos, um dos quais é o de língua materna, vale lembrar que nem sempre se chega a um consenso quanto às suas definições.

Skutnabb-Kangas (1984) apud Cardoso (2005:16) apresenta alguns critérios a ter em conta na definição de uma língua materna:

- a) Origem: a língua que o indivíduo aprendeu primeiro.
- b) Competência: a língua que o indivíduo conhece melhor.
- c) Função: a língua que o indivíduo utiliza mais.
- d) Identificação interna: a língua com a qual o indivíduo se identifica.
- e) Identificação externa: a língua com a qual os outros identificam o indivíduo como falante nativo.

Mateus e Villalva (2006:98) definem a língua materna ou primeira como:

“A língua que se fala em torno de uma criança durante os primeiros anos de vida e através da qual ela adquire o uso da língua”.

Lato sensu, a língua materna é sinónimo de língua primeira, por ser aquela que o indivíduo aprende desde à nascença, passando a ser a língua com a qual identifica a sua comunidade de inserção primária.

Em Angola e noutros países africanos, onde há semelhanças em termos de realidades linguísticas, não raro é considerar a língua materna como a língua da mãe ou dos pais, podendo o indivíduo não falar esta língua, mas identifica-se com ela, assume ser essa a sua língua materna, pelo facto de muitas vezes, o conceito língua materna estar associado à origem etnolinguística do indivíduo.

Defays e Deltour (2003) *apud* (Da Silva e Gonçalves, 2011:30) acrescentam que:

“A língua materna é determinante no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de cada indivíduo, tendo repercussões na motivação e capacidade para aprender outras línguas”.

O ensino da Língua Portuguesa como língua segunda (para os alunos que têm outra língua materna) em Angola pode ter resultados satisfatórios, pelo simples facto de essas línguas maternas dos aprendentes serem, pois, as bases para as novas aprendizagens numa nova língua.

Acredita-se que todo o aprendente de e numa nova realidade linguística o faça antes na língua primeira, depois faça uma associação equivalente, por isso, a língua independentemente do seu estatuto, ela carrega a cultura, os hábitos e costumes de um dado povo, por estas e outras razões, o Português ensinado como língua materna para o aprendente que deveria aprendê-lo como língua segunda, e num contexto plurilingue como o é de Angola, faz-se com dificuldades que se traduzem em insuficiências na aprendizagem e na consequente aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aprendente.

Dada a importância que as línguas maternas têm na socialização do indivíduo, de modo geral, e no processo de ensino/aprendizagem em particular, a UNESCO⁴ instituiu (21.02.1999) data consagrada a língua materna.

⁴Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura
Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00206>
Disponível em <http://u.org/deptsdhl/language>

A UNESCO apela à preservação e ao respeito por todas as línguas maternas, por que se constituem estas em instrumentos de valor inestimável, na manutenção e desenvolvimento de múltiplas culturas que conformam a humanidade, as línguas e a língua materna em especial são o baluarte de todo o espólio e património das sociedades.

Acreditando que a língua materna é a que se adquire no seio da família, é parte integrante do processo biológico, natural e humano, então, todo o mundo exógeno é traduzido pela língua materna à criança.

Apesar de se fazer uma aquisição natural e espontânea, isto é, não aprendizagem formal ou na escola, a escolarização reveste-se de capital importância para o desenvolvimento e enriquecimento de outras competências adstritas a ela, que a família se vê impotente de providenciar, daí defender-se a necessidade de o aprendente (aluno angolano) do Português que tem outra língua materna ter que se lhe dedicar uma atenção especial para se evitar atrofiamentos na aprendizagem do Português como língua materna ou segunda, contrastando com a sua real condição linguística inicial.

A língua materna reflete a identidade cultural e sociopolítica do seu falante, ou seja, através dela constrói-se o pensamento, dá-se o corpo à imaginação e à criatividade.

1.6.2. Português Língua Estrangeira

É comum associar-se a definição de língua estrangeira à língua que se aprende numa sala de aula, longe do espaço de que ela é nativa.

Xavier e Mateus (*op cit.:230*) enquadram-na num critério sociolinguístico, e definem-na como a “língua não nativa do sujeito e por ele aprendida com maior ou menor grau de eficiência”. Esta visão é partilhada por Marques (1985:14) que alega:

“[...] parece-nos pois, que é como uma língua estrangeira que a língua portuguesa terá de ser tratada do ponto de vista de metodologia e das técnicas do ensino nas várias fases da sua aprendizagem”.

As atuais circunstâncias do uso e do papel que a Língua Portuguesa tem no mosaico linguístico angolano e o seu estatuto permitem notar que para a sua aprendizagem, urge aplicar-se técnicas e metodologias que se adequem ao ensino do Português como língua segunda, em larga escala e como língua materna em casos específicos.

Aqui, pode notar-se a diferença entre a língua estrangeira e a língua segunda, apesar de existirem pontos de contactos já aludidos. Quer dizer que a língua segunda, essencialmente, nos contextos de países que passaram por uma colonização, ela é língua oficializada como de estado.

Para uma definição, relativamente consensual joga um papel importante o contexto em que se faz a distinção de estatutos de línguas, ou seja, a desambiguação e a provável univocidade terminológica, se é que existem, só podem ser determinadas pelo contexto.

Em Angola são consideradas línguas estrangeiras o inglês e o francês, somente aprendidos na escola e nunca o Português.

1.6.3. Aquisição e aprendizagem de línguas

Os vocábulos “aquisição” e “aprendizagem” têm sido usados de modo diferente nalguns casos, e similar noutros, este emprego gera alguma contradição, sobretudo quando usados diferentemente para designar a mesma coisa.

Autores há que os usam de forma indistinta por os considerarem como similares. Há quem prefira usar o vocábulo “aquisição” para se referir à língua materna, e “aprendizagem” quando se trata de outras línguas, tais como língua segunda, língua estrangeira. Desta feita, descrevem:

“Mateus e Villalva (op. cit.:95) a aquisição da língua é um processo durante o qual a criança aprende a sua língua materna por simples exposição à língua utilizada no meio em que está inserida”.

“Madeira (2008) *apud* Bento (2013:5) a aprendizagem de língua é um processo activo de construção de conhecimento, que resulta na criação de representações explícitas e conscientes da gramática da L2, geralmente (mas não necessariamente) através da instrução formal”. Por outro lado, a

aquisição corresponde a um processo passivo e não-consciente, que resulta na criação de um sistema de conhecimento implícito da gramática da L2”.

A distinção “aquisição” e “aprendizagem” de língua usa-se, recorrentemente para processos que podem ser controlados e processos considerados automáticos, distinção esta estabelecida também como processos permanentes e processos limitados durante a exposição linguística que um indivíduo se submete na condição de aprendente/ ou de quem adquire uma língua.

Krashen (1981:45) usa o aspeto consciente/inconsciente para distinguir aquisição de língua segunda de aprendizagem de língua segunda. Para ele a aquisição da língua segunda é um processo semelhante à aquisição da língua primeira. Ela requer uma comunicação natural. Os falantes não precisam de ter um conhecimento consciente das regras da nova língua. Por outro, a aprendizagem de língua segunda requer um conhecimento consciente das regras da nova língua, e ela é muito ajudada pela correção de erros, que ajuda o aprendiz a chegar a uma representação mental correta da generalização linguística.

Já, Corder *apud* Leiria (2006:) afirma:

“I propose therefore as a working hypothesis that some at least of the strategies adopted by a learner of a second language are substantially the same as those by which a first language is acquired. Such a proposal does not imply that the course or sequence of learning is the same in both cases” (Corder, 1967/1974:22).

Contudo, parece ser pertinente estabelecer uma distinção entre aquisição e aprendizagem por mais subtil que seja.

A aquisição e aprendizagem são mecanismos diferentes, a aquisição consiste num processo inerente à intuição, inconsciente e pouco explícito, uma vez que o aprendente fá-lo no ambiente natural, familiar e toma contacto com a língua naturalmente; ao passo que a aprendizagem é um mecanismo condicionado, mais explícito, formal (escola, ensino) e muitas vezes se realiza em condições artificiais.

De acordo com os Behavioristas a aquisição da linguagem dá-se mediante a experiência que o indivíduo desenvolve com a língua utilizada pelas pessoas que com

ele convivem e é determinada, quer pela qualidade, quer pela quantidade da língua que o indivíduo ouve, assim como pela consistência do reforço oferecido a ele por outras pessoas no meio envolvente, passando a serem considerados fatores determinantes para o grau de sucesso que o aprendiz pode vir atingir na aquisição.

Baseando-se no behaviorismo Quadros e Finger (2007:21) admitem que *a “criança ao nascer não possui qualquer conhecimento prévio e somente aprende uma língua particular se alguém a ensinar. [...]”* Desta feita, o ambiente é o único responsável pelo provimento do conhecimento que ela virá adquirir, imitando sons e padrões, com prática assistida com reforços na formação de hábitos, constituindo assim a sua língua. Acrescentam ainda que: *“[...] os aprendizes quer de uma língua materna, quer de uma língua segunda recebem input linguístico dos falantes no seu ambiente, além de reforço positivo para suas repetições corretas e imitações”*. Assim quando as respostas dos aprendizes são reforçadas positivamente, eles supostamente adquirem a língua de modo relativamente positivo.

Skinner *apud* Quadros e Finger (2007:22) defende que: *“a criança associa as diferentes formas ouvidas ou vistas, de modo sistemático àquelas com as quais já está familiarizada por ter aprendido as sequências da língua”*. O processo de aquisição de língua passa assim a ser visto como resultado ou consequência do estabelecimento de associações entre estímulos e respostas. Implica dizer que qualquer comportamento continua a ser adquirido se receber reforço.

Vygotsky (2001:9) defende como base do desenvolvimento da linguagem, a interação que acontece entre a criança, adulto e o meio envolvente, mesmo que a criança possua a capacidade inata do desenvolvimento da linguagem, concorrem para esta potenciação e, de fundamental importância as relações que se estabelecem no seio social. E acrescenta:

“[...] Cada novo objeto que surge representa um problema que a criança resolve atribuindo-lhe um nome. Quando lhe falta a palavra [...] recorre ao adulto. Esses significados de base das palavras assim adquiridos funcionarão como embriões para a formação de novos e mais complexos conceitos”.

A escola assume um papel importante na aprendizagem de uma língua, sobretudo quando se trata de uma língua segunda, como é o caso do objeto em análise (Português língua segunda). Não se deve esquecer que o crescimento e o desenvolvimento harmoniosos de ferramentas linguísticas é proporcionado pela escola nas suas variadas atuações, por ser a escola a instituição que funciona como que uma espécie mediadora entre o falante e o seu pensamento que se materializa no ato da fala.

No contexto atual, na aprendizagem de uma língua segunda, a escola é insubstituível, atendendo às especificidades dos aprendentes que já trazem conhecimentos da sua língua materna em que toda a nova aprendizagem se processa com base na matriz da língua adquirida anteriormente.

Deste modo, a escola deve apropriar-se das peculiaridades que cada aprendente traz da matriz específica da língua materna, transformando-as e enriquecendo-as para que não se constituam em dificuldades, mas sim em possibilidades que permitam arranjos metodológicos para o ensino e a aprendizagem de uma língua.

Silva e Gonçalves (2011:49) admitem que:

“ é, ainda, competência da escola formar indivíduos autónomos, capazes de lidar com situações novas, quer a nível linguístico, quer a nível cognitivo, e as competências adquiridas na escola devem ser objeto de transposição para a vida em sociedade, como tal, a autonomia, a par com a responsabilidade, têm como função basilar a promoção de aprendentes autónomos”.

É ponto assente que a escola proporciona condições férteis para aprendizagem linguística, porque dentre outras tarefas que lhe são peculiares, destacam-se as da promoção e desenvolvimento de relações interpessoais, em que se aprende a falar e a ouvir, e ajuda os alunos a desenvolver a sua autonomia.

Parece consensual afirmar que toda a aprendizagem que se faça na língua materna chega a ser mais produtiva do que a que se faz numa língua segunda ou outra, obtendo-se bons resultados não só na língua alvo, mas também noutras áreas de aprendizagem.

Fazendo uma analogia ao contexto angolano, Mingas (op cit.:114) sublinha que “*o português não poderá nunca permitir à criança angolana, que tenha uma língua africana como primeira, expressar-se de modo espontâneo, nem criar nessa língua,*

pois criar deve ter como base um domínio [...] da cultura de origem veiculada pela língua [...]”.

Desta feita, uma boa aprendizagem do Português para os alunos angolanos deveria levar, sempre, em consideração a língua materna do aprendente que o adquire como língua de escolarização ou segunda, ajudando-o a estabelecer uma relação de proximidade entre os conhecimentos de língua materna e os da língua segunda alvo de aprendizagem (nova aquisição).

Não se deve pôr de parte que a aprendizagem de uma língua materna é de capital importância para a aprendizagem de outras línguas, independentemente do peso ou valor social que a mesma tenha, facto que ainda não acontece, ou poder-se-á assistir timidamente nos próximos tempos em Angola com a introdução das línguas nacionais no sistema de ensino.

1.6.4. Síntese do I capítulo

Neste primeiro capítulo, em jeito de súmula, foram apresentados os fundamentos que nortearam a realização desta dissertação, primeiramente foi feita uma breve *caraterização geográfica e sociolinguística de Angola*, seguindo-se uma breve *caraterização geográfica e sociolinguística da Lunda-Norte, o contacto entre línguas, a abordagem sobre as línguas bantu e não bantu*.

Seguiu-se a análise de distintos estatutos do português em Angola (*Língua segunda, língua oficial, Língua materna, língua estrangeira*) e, culminando com uma breve, mas significativa panorâmica sobre a *aquisição e aprendizagem de línguas*.

Quer dizer que todos os conceitos (língua materna, língua segunda, língua estrangeira, língua oficial) devem ser considerados de acordo com o contexto, dito doutro modo, a desambiguação é contextual, mesmo que não seja consensual a sua definição.

CAPÍTULO II. Aquisição da competência lexical em Língua segunda

2. Léxico

É comum encontrarem-se várias definições do conceito de léxico; a multiplicidade de definições indicia, como é óbvio, o caráter complexo de que se reveste o estudo do léxico de uma língua. Fazendo recurso ao Dicionário de termos linguísticos de Xavier & Mateus (1992:225) pode encontrar-se a seguinte definição:

“entende-se por léxico o conjunto de formas atestadas correspondendo a uma zona lexical comum a todos os locutores de uma comunidade [...] sendo também conjunto de unidades lexicais comuns à significação, isto é, a parte do semema que é do domínio comum da comunidade”.

Na perspectiva de Vilela, pode encontrar-se um conjunto de definições para o léxico, selecionam-se, aqui, algumas que pela sua pertinência podem ajudar a refletir sobre o assunto:

i) o léxico é, em primeiro lugar, entendido como o conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras, locuções) próprias de uma língua, unidades essas que se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário e subordinadas, no caso das palavras flexionadas, à unidade linguística que metalinguisticamente as representa [...] (1979:9);

ii) [...] avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (1994:6);

iii) o léxico de uma língua, sem ser uma manta de retalhos, não é um todo homogêneo, constitui o que costumamos designar por diassistema: as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) vivem lado a lado com as palavras da língua escrita (ou estilo refletido), as palavras “velhas”, ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos (1995:16).

Como se pode depreender nas três definições de Vilela, o léxico não tem caráter finito e imutável, talvez, estas peculiaridades contribuam para a sua complexidade no que concerne à sua delimitação e abordagem linguística, uma vez que, dia após dia surgem novas palavras através dos vários processos de que a língua dispõe para a sua renovação e o seu enriquecimento.

Na senda das definições do léxico, Hatch & Brown (1995) *apud* Leiria (2006:10) referem que:

“[...] the term lexicon refers to the overall system of words forms and, when we include morphology, the study of word formation in language. The term is also used to refer to the way forms might be systematically represented in brain, that is, the mental lexicon”.

Basílio destaca que o léxico não pode ser considerado como *“uma mera lista de entradas lexicais, caso em que a competência lexical corresponderia ao conhecimento desta lista; nem pode ser considerado apenas como um conjunto de regras [...]”* (1980:8-9).

A ideia defendida por Hatch & Brown (1995) e Basílio (1980) traz a lume a “velha” visão que se tem de léxico e, em parte, procura esclarecer que o léxico não é apenas uma simples lista de palavras dicionarizadas, porque se assim fosse a competência lexical de um falante não envolveria a obediência às regras, a sua capacidade de relacionar os itens lexicais, a contextualização do discurso e a formação de palavras novas.

As diferentes definições e os pontos de vista apresentados por vários autores a respeito do léxico enriquecem ainda mais a discussão; sublinhe-se que nas diferentes definições podem encontrar-se pontos de contacto quando se trata de léxico, tais como:

- a) *conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade;*
- ii) *repositório de todo um saber linguístico partilhado por uma comunidade falante de uma língua;*
- iii) *é heterogéneo, deveras dinâmico, e está ao serviço da atividade humana.*

2.1. Vocabulário

A competência lexical de que dispõe um indivíduo manifesta-se no seu vocabulário; muitas vezes há dificuldades em delimitar as fronteiras entre vocabulário e léxico. O conhecimento do vocabulário torna-se indispensável em qualquer língua. De acordo com Hatch e Brown (1995) citados por Leiria (2006:11) vocabulário é:

“the term vocabulary refers to a list or set of words for a particular language or a list of words that individual speakers of language might use”.

Vilela (1995:13) distingue do seguinte modo o léxico do vocabulário:

“o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais de uma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística”.

E acrescenta, ainda, que:

“o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório”.

Deduz-se, nestes termos, que o vocabulário é a parte atualizada do léxico de uma língua, sendo o léxico todo o espólio dessa mesma língua, por outras palavras, o léxico é o conjunto de palavras de que uma língua dispõe, onde o falante recorre e faz a seleção de palavras de que precisa para uso imediato no quotidiano.

2.1.1. Aquisição do Léxico

Reconhece-se que a aquisição de léxico é o esteio de aprendizagem de uma língua quer seja primeira quer seja segunda. Durante anos, estudos para a compreensão de mecanismos que envolvem a aquisição de léxico foram ignorados ou simplesmente relegados para planos secundários, deu-se ênfase a áreas como fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, só para citar algumas, como resultado a aquisição de léxico foi sempre de forma implícita ou incidental, ou seja, mesmo que se reconheça que a aquisição de léxico se faz de modo incidental, sabe-se que, se fosse de modo sistematizado, os resultados seriam melhores.

Nagy (1988), apud Giasson (1993:255) afirma que as crianças dos 9 aos 12 anos de idade podem adquirir cerca de 3000 palavras, embora o número de palavras possa variar grandemente de aluno para aluno.

Sabendo-se que a aquisição de léxico, maioritariamente, se faz incidentalmente, quer dizer, sob diferentes vias se adquire uma determinada quantidade de vocabulário, podendo ser nas suas interações sociais com colegas, pais e leituras pessoais, o contributo da escola ainda não é o desejado, por não ser ainda explícito.

Giasson (*op. cit.*:225) assevera “*que o contributo das leituras pessoais é, precisamente, o factor mais susceptível de explicar a rapidez da aquisição do vocabulário e a disparidade desta aquisição nos alunos*”.

A aquisição de léxico varia de individuo para individuo, ou seja, dois alunos que partilham a mesma sala de aulas poderão mostrar níveis de desenvolvimento lexical diferenciados, devido à condição socioeconómica que cada um deles ostenta. Investigações que comprovam esse ponto de vista são de Snow, Barnes, Chandler, Goodman & Hemphill, (1992), as quais mostram que: [...] *os filhos de profissionais diferenciados são expostos a mais de 50% de palavras do que os filhos de trabalhadores manuais [...]* (Duarte, 2011:9).

Quer dizer que quanto mais as crianças estiverem expostas aos materiais e ambientes sociais propiciadores de desenvolvimento do capital lexical, maior é a possibilidade de adquiri-lo e desenvolvê-lo, mesmo que seja de forma não consciente.

2.1.1.2. Ensino-Aprendizagem do Léxico

O processo de como ensinar os alunos a aprender o léxico de uma língua tem sido muito controverso por haver inúmeras teorias divergentes no que concerne às vias a adotar para ensinar o léxico de uma língua. É despropositado, aqui, fazer referência a todas as teorias e dar conta das suas abordagens.

O ensino e a aprendizagem do vocabulário podem ser feitos por via indireta a também chamada incidental ou não sistemática ou por via direta ou sistemática. A via indireta privilegia a aquisição do vocabulário com base no contexto tendo-o como

suficiente para aquisição ou aprendizagem vocabular, utilizando leituras pessoais de forma não sistemática e não rígida.

A via direta ou sistemática dá ênfase ao ensino e aprendizagem sistematizados do vocabulário, portanto, objetiva que a aquisição ou aprendizagem do vocabulário com base no contexto e leituras pessoais sejam suficientes e eficazes, por que: *o contexto nem sempre é suficiente para que o leitor descubra o sentido de uma palavra nova numa única ocorrência [...]*(Giasson, 1993:261).

Os defensores da via sistemática ou direta asseveram que se o papel das leituras pessoais dos alunos na aquisição do vocabulário é fundamental, então não se deveria deixar de lado o ensino explícito do vocabulário que se deve processar na aula. Assim, as intervenções pedagógicas consistiriam em:

(i) criar ou acrescentar a motivação do aluno para se envolver (*ainda mais*)⁵ em leituras pessoais na aula e fora dela;

(ii) o ensino das estratégias que permitem aos alunos partir do contexto para descobrir o sentido de palavras desconhecidas;

(iii) o ensino direto sobre as palavras de vocabulário específicas (Giasson, 1993:256).

Quer uma abordagem quer outra pode funcionar perfeitamente e surtir efeitos que se desejam para o ensino eficaz e eficiente do léxico (vocabulário) aos alunos, não havendo uma melhor do que outra, havendo apenas necessidade de se adaptar à realidade dos aprendizes, dito doutro modo, tudo depende do tipo de vocabulário que se vai adquirir, o escopo do aprendente, a faixa etária e o contexto em que ocorre a instrução.

Segundo Olívia Figueiredo (2011:353): “*O léxico ensina-se-aprende-se, em primeiro lugar, em funcionamento nos textos orais e escritos*”.

O pensamento *supra* reforça a nossa visão segundo a qual a escola deveria assumir uma postura em relação ao ensino do léxico, pois mesmo que o léxico se adquira e se aprenda de forma incidental ou indireta, pode ser ensinado e pode ser aprendido.

⁵ Grifo nosso

Várias razões atinentes às características do próprio léxico são aventadas como as que têm estado na base de dificuldades de não didatização explícita do léxico, por exemplo:

“das características do léxico, as mais invocadas são sobretudo a sua extensão e o seu caráter aberto [...], não heterogénea, irregular, mas até caótica [...] objecto não passível de descrição sistemática, objecto incompleto ou insuficientemente descrito que aparece, não apenas ao olhar intuitivo do falante, mas também, ao que transparece das palavras do autor, do lexicólogo, como um todo extremamente “cáotico” dificilmente se entenderá como objecto didactizável” (Pinto, 2012:75).

Eunice Figueiredo acrescenta que:

“o processo de aquisição espontânea do vocabulário é o bastante ou porque o peso excessivo dado ao estudo da gramática não deixa espaço disponível para outras aprendizagens, o que é certo é que o trabalho sobre o desenvolvimento da competência lexical tem tido uma focalização meramente ocasional” (2011:366-367).

Os dois pontos de vista refletem, de modo perentório, as dificuldades encontradas para o estabelecimento ou, se não mesmo, para a definição de parâmetros didáticos claros para o ensino do léxico nos programas de Língua Portuguesa.

Apesar destas dificuldades aparentes, a utilidade fala mais alto, há toda necessidade de se definir parâmetros didáticos para o ensino do léxico, por que, a aquisição e o desenvolvimento de competência lexical estão entre os objetivos primordiais, específicos e gerais; primeiro do ensino primário e depois da disciplina da Língua Portuguesa como disciplina curricular em Angola (cf. *Lei de Bases do Sistema de Educação-Angola, 2001; Programa Melhorado do Ensino Primário 6ª classe-Língua Portuguesa, INIDE s/d*).

2.1. 1.3.Homonímia e Polissemia.

Falar sobre a homonímia no âmbito de relações de significado de palavras não é tarefa fácil, como a olho nu nos parece, por haver uma estreita relação entre a

homonímia e a polissemia e ambas gerarem a multiplicidade de significação, isto é, um significante com vários significados. Para ajudar na desambiguação e restrição da homonímia e polissemia como macro processos de significação em relação às homofonia, homografia e paronímia, aborda-se sobre a homonímia, de modo geral, mas atendendo aos objetivos a que a dissertação se propõe optou-se por explorar com mais profundidade no quadro de relações de significação as homófonas heterográficas, isto é, as relações a nível da grafia e da fonia para avaliar o capital lexical de alunos que constituíram a população estudada na presente dissertação (cf. inquérito em anexo).

Correia (2000:1) considera:

“duas palavras homónimas como sendo aquelas que apresentam a mesma forma (fonética e gráfica), mas que têm dois significados diferentes não relacionáveis entre si; e uma palavra considera-se polissémica quando apresenta vários significados (mais do que um), sendo possível estabelecer uma relação entre esses vários significados”.

Correia (*idem, ibidem*) destaca, ainda, a importância da percepção da homonímia e polissemia na perspetiva de estudos em Lexicologia e Lexicografia:

“a homonímia e a polissemia constituem dois conceitos-chave da lexicologia e da lexicografia [...] em primeiro lugar, a homonímia e a polissemia podem estar na origem de casos diversos de ambiguidade lexical e, portanto, o seu entendimento é fundamental para o entendimento da ambiguidade e da sua eliminação; em segundo lugar, porque o modo como é encarado cada um destes conceitos vai ser decisivo para a estruturação da descrição de qualquer porção do léxico [...] vai ser decisivo para o estabelecimento da nomenclatura de um dicionário”.

Barros (2013:203) define a homonímia como a relação semântica entre duas palavras que se escrevem e se pronunciam da mesma maneira, mas que referem entidades diferentes e têm significados e origens também diferentes. Normalmente, pertencem a classes gramaticais distintas.

Havendo opinião unânime entre os linguistas acerca da dificuldade em separar as fronteiras entre a homonímia e a polissemia (cf. Ulmann 1964; Heger 1974; Bréal 1983; Correia 2000; Bechara 2009; Azeredo 2012; Chaves 2013; Barros 2013, entre outros)

por essas fronteiras não serem muito claras e estanques no que ao campo de relações de significado entre palavras se refere, sobretudo quando se trata de pluralidade ou multiplicidade semântica. Azeredo (2012:414) tenta estabelecer uma fronteira para homonímia e polissemia nos seguintes termos: “[...] *há polissemia se os sentidos puderem ser agrupados em torno de um núcleo de significação comum, e homonímia quando nenhuma afinidade semântica for atestada. Diante dos casos obscuros, a solução é o recurso à etimologia. Étimos distintos, não há dúvida: homonímia*”.

Pode parecer repetitivo afirmar que a compreensão das relações entre palavras, onde também se insere a homonímia e a polissemia, é decisiva para o entendimento da possível ambiguidade e, por conseguinte, desambiguar o ato comunicativo o que em si, demonstra uma consciência e capital lexicais aceitáveis. Desta feita, uma sólida transmissão de saberes (noções fundamentais e processos operatórios) por parte de professor pode ajudar os seus alunos a construir de forma clara e autónoma os seus próprios conhecimentos.

2.1.3.3.1. Sinonímia

Afigura-se pertinente a abordagem de sinonímia por constituir a rede que permite estabelecer relações de significado entre palavras de uma língua, bem como uma das formas de ativação do léxico de uma língua. A compreensão das relações de palavras ou entre palavras, no quadro da presente dissertação, é de extrema importância, porque a comunicação só se estabelece com a intercompreensão de falantes, não é de ignorar a eficácia no estabelecimento destas relações (relações de significado) na aquisição e no desenvolvimento da competência lexical.

Quando se associa o léxico à noção de conjunto de palavras de uma língua, entrelinhas, percebe-se que as relações de palavras se estabelecem por intermédio de conceitos, combinando-se esses conceitos para a efetivação da comunicação entre os indivíduos.

A sinonímia é o estudo da relação de equivalência semântica entre duas ou várias unidades lexicais cuja forma é diferente. Lehmann e Martin-Berthet (2002) *apud* Pinto (2013:42).

Na visão de Bloomfield (1933) apud Ullmann (1964:291) *“cada forma linguística tem um significado constante e específico. Se as formas são foneticamente diferentes, supomos que os seus significados são também diferentes [...] supomos, em resumo, que não há sinónimos reais”*

Partilha a mesma opinião Chaves (2013:196) ao referir que:

“[...] praticamente não existem palavras que tenham exatamente o (s) mesmo (s) sentido (s) e as mesmas condições de uso, i.e., que possam substituir-se uma à outra num mesmo enunciado sem provocar qualquer diferença de significado expressivo ou de adequação pragmática do enunciado ao contexto situacional ou discursivo”.

Os dois pontos de vista avançados dão conta da não existência de sinónimos perfeitos ou absolutos (sendo raros), mas pode falar-se de sinónimos em contextos em que as palavras ocorrem. Desde do ponto de vista didático, o professor ao abordar questões como estas terá de chamar a atenção aos seus alunos que o conceito de sinónimos não pode ser considerado até ao extremo, é importante sempre levar em conta o grupo alvo ao qual o professor se dirige (a faixa etária dos alunos) para a exequibilidade das aprendizagens, havendo alguns casos em que a série sinonímica não resulta na totalidade ao relacionar o significante e o significado.

Não sendo objeto de análise neste trabalho, mas a propósito de sinonímia e polissemia, ressalte-se que em terminologia (línguas de especialidade), a possibilidade de surgimento de sinónimos absolutos ou perfeitos é muito grande; tendo sido sublinhada esta hipótese por Ullmann nos seguintes termos (1964:292):

“embora haja de facto uma grande dose de verdade em tais afirmações, seria erróneo negar a possibilidade de completa sinonímia. Bastante paradoxalmente, encontra-se onde menos seria de esperar: nas nomenclaturas técnicas. O facto de os termos científicos serem precisamente delimitados e emocionalmente neutros permitem-nos averiguar de modo absolutamente definido se dois deles são completamente permutáveis, e a sinonímia absoluta não é, de modo algum, pouco vulgar. Estudos recentes [...] mostraram que vários sinónimos surgirão por vezes em torno de uma nova invenção, até que, eventualmente, se separam [...]”.

Reitere-se (a nossa visão de) abordagem de sinonímia em contexto, por ser vista sob prismas diferentes e, por conseguinte, em circunstâncias de ensino-aprendizagem haver necessidade de contemplar o grupo alvo a que se destina a aprendizagem.

2.2.2. Neologia e neologismos

Todas as línguas vivas estão sujeitas à variação ao longo do tempo, a variação linguística dá-se em todos os domínios (sintático, morfológico, semântico, fonológico, pragmático e lexical). Cunha e Cintra (1984:1) apontam que: “*a língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos*”.

A língua é um instrumento de comunicação que está ao serviço da humanidade, isto é, um código descodificável por falantes a quem pertence. Apesar de todos os domínios aludidos acima observarem a mutação, é o domínio lexical que mais regista as variações por ser um campo aberto e complexo.

Embora haja esforços de se fazer uma descrição pontual de neologia e neologismos que nascem por necessidades comunicativas, no sentido de designarem realidades linguísticas pontuais, recorrendo a instrumentos como *corpora textuais* e bancos terminológicos, a dinâmica social é tão grande que a neologia e os neologismos estão a passos acelerados, pois a evolução das línguas parece estar mais rápida do que o esperado. Desta feita, Lino *et al.* (2010:1988) observam o seguinte em relação à língua portuguesa:

“[...] a língua portuguesa não cessa de evoluir, nos vários espaços lusófonos, onde coabita com outros tipos de línguas. Os critérios de identificação dos fenómenos de neologia, tradicionalmente aceites, são insuficientes para dar conta desta nova realidade; [...] os documentos produzidos por instituições nacionais de normalização continuam a ser parâmetros importantes, mas não conseguem contribuir de forma clara e inequívoca, na delimitação de um neologismo, em consequência da dinâmica da língua nos vários países, com culturas específicas”.

Lino *et al* (1991:219) definem a neologia como:

“o processo de formação de novas unidades lexicais ou adopção de algumas que já existem, para designar novas realidades”.

Alves (2002:5) assevera que:

“o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto que algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística. Ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”.

Correia e Lemos (2009:13 e 16) afirmam que:

“a neologia é tradicionalmente entendida como uma denominação que corresponde a dois conceitos distintos:

a neologia traduz a capacidade natural da renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos:

a neologia é entendida, ainda, como o estudo (observação, registo e datação, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua. Assim, um neologismo é, então, uma unidade lexical sentida como nova pela comunidade linguística”.

É deduzível que a neologia e os neologismos resultam, sem sombra de dúvida, da necessidade de designar conceitos novos (neologia formal) e (neologia semântica). Produzidos de acordo com os contextos os neologismos, também, refletem hábitos, culturas, modo de pensar e agir dos falantes de uma determinada sociedade.

2.2.3. Competência Lexical

Muitas aceções podem ser associadas ao conceito da competência, por se tratar de um conceito transversal a muitas áreas de saber em linguística. No âmbito deste trabalho, selecionaram-se algumas definições que tentam compendiar as aceções propostas por diferentes autores, tendo sempre em vista os objetivos propostos.

Basílio (1980:8) afirma que a noção de competência lexical pressupõe o conhecimento que o falante tem de uma língua enquanto falante nativo e acrescenta:

“[...] qualquer modelo de competência lexical de um falante nativo deve incluir tanto uma lista de itens lexicais como um sistema de regras que dê conta de sua capacidade de relacionar itens lexicais uns aos outros, analisar a estrutura interna desses itens e, naturalmente, formar novas palavras. Mas isto não é o bastante [...]. Devemos assumir que a competência de um falante nativo no léxico de sua língua inclui o conhecimento de listas de entradas lexicais, da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens, o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais novas [...]”.

Para Olívia Figueiredo (2011:347) competência lexical implica:

“conhecer uma palavra de forma sistemática, é implementar uma quantidade de informações sobre ela como seja: saber a sua denotação; identificar a sua categoria gramatical e funcional; reconhecer a sua forma oral e escrita, saber relacioná-la com outras palavras por associação/substituição, saber combiná-la com outras palavras; conhecer os seus registos e usá-los de forma adequada, identificá-la nos seus usos conotativos; mantê-la disponível para recorrer a ela quando necessário”.

A competência lexical manifesta-se na apropriação significativa das palavras, usando-as em contextos distintos, fazendo sempre uma associação lógica àquilo que se quer transmitir enquanto utente da língua. Entenda-se que conhecer uma palavra numa língua não se limita à apreensão do significado ou da estrutura, mas também, saber como usá-la em distintas circunstâncias, quer no discurso oral quer no discurso escrito.

A competência lexical não é um conjunto de conhecimentos que um indivíduo idealizado deve possuir, mas sim o conjunto de conhecimentos que um indivíduo real inserido numa comunidade sociolinguística concreta possui. Desta feita, ensinar e aprender o léxico passa a ser uma atividade constante e complexa dada a sua elasticidade na incorporação de novos elementos nas suas estruturas.

De acordo com Olívia Figueiredo (2011:346) a competência “*é sempre o resultado de aprendizagens. Porque o significado não é independente da função e da ação [...]*”. Ressalta ainda que a competência lexical que dá origem a outras

competências, tais como, sociolinguística, comunicativa, pragmática não deixa de ser resultado de aprendizagens significativas.

Ter competência lexical significa, ter o domínio aceitável do léxico, possuir a consciência lexical ativa e a níveis vários, tomando em linha de conta os níveis propostos pela Olívia Figueiredo (*idem, ibidem*):

- a) a nível da estrutura das palavras, sua história, formação;
- b) a nível das suas relações paradigmáticas (identidade, oposição, hierarquização, inclusão, relação parte-todo) e sintagmáticas (expressões idiomáticas, unidades fixas, colocações);
- c) a nível das suas relações discursivas (implicação do conteúdo com o que se comunica).

Sendo a competência sempre resultado de aprendizagem significativa, a competência lexical em Português língua segunda, como é o caso do Português em Angola, exige ações ou estratégias didáticas que se adequem à realidade em que o processo de ensino-aprendizagem se processa. Dito em outras palavras, do ponto de vista didático, partir-se do vocabulário básico cuja aquisição é espontânea, seria o ideal para ajudar posteriormente a fazer associações mentais ao novo léxico ativo que se vai atualizar com as aprendizagens.

Tendo em consideração que a competência lexical não se resume em armazenar as palavras na mente, mas sim usá-las, associá-las ao contexto e manipulá-las, pondo-as disponíveis quando necessário, e obedecendo às regras de natureza linguística, sociolinguística e pragmática, dar-se-á conta que a escola tem um papel fundamental no que concerne ao desenvolvimento da competência lexical, devido à sua função tradicional de acordo com Sim-Sim:

“[...] deverá ser um objetivo primordial do sistema educativo permitir e encorajar cada criança a usar a língua com o máximo de eficácia, quando fala, ouve falar, escreve e lê [...]” (1998:31).

Falar, ouvir, ler e escrever constituem habilidades básicas que, certamente, desembocam em competência lexical.

É razoável que a escola angolana, de entre várias atribuições que lhe são cometidas, encare e privilegie práticas que estimulem o uso da Língua Portuguesa, eficaz e eficientemente por parte dos seus alunos como uma possibilidade de atingir aprendizagens significativas em todo o processo de formação.

A estimulação de práticas de oralidade, leitura, e escrita, com vista a aquisição da competência lexical de alunos, só poderá ser possível com professores capacitados, pois, caberá ao professor como facilitador e gestor de aprendizagens de seus alunos quebrar as práticas rotineiras e diversificar atividades e materiais, tendo sempre em consideração as especificidades dos seus alunos como um grupo.

Como já se fez alusão, a competência lexical não sendo a capacidade de armazenar, ou acumular a informação lexical na mente de indivíduo, mas sim a capacidade de usar a informação de que o falante de uma língua dispõe no ato comunicativo de, diversas formas, adequando-se sempre ao contexto sociolinguístico, linguístico e pragmático, a escola desempenhará sempre um papel inestimável na sua promoção (da competência lexical) ao providenciar atividades curriculares e extracurriculares para o seu desenvolvimento.

2.2.4. Na oralidade

A escola como já se disse, anteriormente, joga um papel importante no desenvolvimento da competência lexical dos alunos, mas por incrível que pareça, há uma indefinição ou falta de posicionamento claro, das escolas em relação ao ensino da oralidade, privilegiando-se a leitura e a escrita, ficando de parte a oralidade. Esquece-se a própria escola que de entre várias funções que lhe são atribuídas pela sociedade no ensino e aprendizagem de uma língua, está como refere Sim-Sim: *“a de desenvolver no aluno as capacidades de argumentação e de expressão em contextos diversificados, visando audiências diferentes e intenções variadas, deverá constituir uma meta no ensino [...]”* (1998:32).

Atendendo às dificuldades com que se depara, no quotidiano, o professor de Língua Portuguesa em Angola para ensinar o Português em contexto em que apesar de os alunos terem outras línguas maternas aprendem o Português, também, como língua materna, e por não haver metodologias específicas para ensinar o Português de acordo

com a realidade de cada aluno, urge necessidade de se definir estratégias metodológicas para o ensino da oralidade nas escolas angolanas. Modéstia à parte, não é nem será tarefa fácil, pois exigirá de todos os atores (professores, encarregados da educação e pais) a concentração de esforços para uma única direção.

Mensurar a capacidade oral de cada aluno é a tarefa mais fácil que o indivíduo pertencente a uma comunidade linguística tem, difícil é ajudar a construir esta capacidade oral que o aluno deveria possuir, até certo nível ou padrão escolar, porque como enfatiza Sim-Sim: *“saber expressar-se significa ser eficaz na comunicação oral, i.e., ser capaz de transmitir com exactidão qualquer informação, em contextos diversificados [...]. O desenvolvimento da oralidade reflecte-se no uso claro, estratégico, crítico e criativo da língua e implica o crescimento em termos de conteúdo linguístico, do repertório de estratégias de interacção e da flexibilização do uso em actividades e situações variadas”* (1998:35).

Todas as estratégias metodológicas que forem adotadas para o ensino-aprendizagem da oralidade, quer para os alunos que têm o Português como língua materna quer para os alunos que o têm como língua segunda, poderão resultar se se tiver professores à altura dos desafios, porque o professor como gestor e facilitador das aprendizagens de alunos faz sempre a diferença na construção sólida das aprendizagens dos seus alunos, ou seja, dever-se-ia, sempre, atualizar os conhecimentos dos professores com ferramentas novas de acordo com as exigências atuais, incutindo-lhes a necessidade de verem o aluno como o centro das aprendizagens e verem-se a si mesmos como facilitadores ou coadjutores dessa tarefa.

2.2.5. Na leitura

A leitura constitui-se em peça-chave para todas as aprendizagens a desenvolver fora e dentro da escola, dada a sua importância e complexidade, ela deve ser bem ensinada para ser bem aprendida, envolve conjunto de técnicas que devem ser do domínio dos professores que se propõem a transmiti-la aos seus alunos.

É necessário que o aluno aprenda a ler bem, para se expor bem (oralidade) e para exprimir o seu pensamento por escrito sem medo de errar. Há um encadeamento destas

três habilidades (leitura-oralidade-escrita) na construção de saberes enquanto se passa por escola e ao longo de toda a vida.

Com a dinâmica das sociedades, Angola não é um caso à parte, sobretudo com o advento das novas tecnologias, a leitura parece estar a perder o lugar cimeiro que sempre teve na aquisição de múltiplos saberes por parte dos alunos, todavia as novas tecnologias de informação e comunicação (*Tics*), também, estão ao serviço da leitura, porque, veja-se que o acesso a diversas informações na internet faz-se por intermédio da leitura, por isso, ela precisa de ser estimulada e incentivada sob diversas formas na escola e fora dela.

Embora a escola tenha um papel preponderante e insubstituível no ensino da leitura, chamar-se-ia a atenção aos pais e encarregados da educação no sentido de não deixarem que todas as tarefas sejam executadas pela escola, os pais e encarregados da educação têm um papel relevante, sobretudo no estímulo e incentivo à leitura dos seus alunos no ambiente familiar.

Ler é libertar-se, ter acesso a tudo que se passa pelo mundo sem ter que se deslocar fisicamente de e para, é adquirir conhecimentos, renová-los e manter a sabedoria.

Já é comum ouvir-se que os hábitos de leitura estão a ser substituídos pela internet e outras formas de diversão, como já se referiu, isso faz parte da própria dinâmica social, cabendo a escola não medir meios para inverter os novos rumos, isto é, mostrando aos alunos o quão é importante aprender a ler e continuar a ler, com sugestões de leitura de fácil manuseio e enriquecedoras para as experiências quotidianas.

A prática de leitura, sob diversas formas, é sempre enriquecedora para aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno, atente-se à afirmação de Duarte: *“para que a leitura potencie ao máximo o enriquecimento do capital lexical das crianças, convém que elas leiam tanto textos simples, que não lhes colocam problemas de compreensão, como textos, mais complexos, que constituam desafios quer do ponto de vista da complexidade estrutural quer do ponto de vista do vocabulário”* (2011:23).

O princípio de gradualismo *“natura non facit saltus,”* deve ser observado na seleção e orientação do tipo de textos que os alunos devem apropriar-se nas atividades leitoras.

É consenso de quase todos os pesquisadores em matéria de literacia, aquisição e desenvolvimento da linguagem, que, há uma proporcionalidade entre a leitura, aquisição e desenvolvimento do capital lexical do aluno, ideia partilhada por Giasson (1993:225): “[...] nos últimos anos, certas pesquisas revelaram que a aquisição do vocabulário se efectua por etapas através da leitura de numerosos textos”.

2.2.6. Na escrita

A escrita à semelhança da oralidade e da leitura constitui uma das tarefas fundamentais que a escola tem de resolver ao se dar o início da escolarização fundamental de qualquer indivíduo, porque também se constitui em um indicador de base na análise da eficácia de sistema educativo do País.

Reconhece-se, hoje, que grande parte de alunos no ensino primário e não só, em Angola apresentam dificuldades assinaláveis de escrita que se arrastam até na sua vida fora da escola. As dificuldades devem-se, sobretudo à falta de estratégias didáticas específicas que devem ser materializadas por professores nas suas aulas e pelo facto de tais estratégias exigirem dos professores uma formação específica que muitas vezes não a detêm. Tratando-se de uma questão tão complexa, o ensino da escrita não seria devotado apenas ao ensino primário como fazem crer as práticas educativas. A escrita não se consegue num ciclo de ensino só, é das habilidades mais complexas que o aluno deve treinar infinitamente, pois aprende-se a escrever escrevendo.

Carvalho (2011:79) concebe a escrita como:

“[...] o oposto da oralidade, esta assenta num sistema fonológico e materializada em sons, aquela num sistema ortográfico e materializada em símbolos gráficos visíveis numa superfície. A correspondência entre as unidades constituintes do código oral e as do código escrito, entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico, não é unívoca e linear [...]”.

Vygotsky (1979) *apud* Carvalho (2011:81) considera a escrita:

“a forma de discurso mais elaborada, uma vez que a comunicação, na falta de apoios situacionais, é conseguida através do recurso exclusivo às palavras e suas combinações. A maior autonomia do texto escrito em

relação ao contexto situacional tem [...] implicações importantes quer ao nível da informação que é necessário verbalizar, quer no que se refere ao uso das estratégias e mecanismos de organização textual [...].”

O carácter não unívoco entre o grafema e o fonema, sobretudo na escrita da língua (Português) objeto de análise, constitui uma das razões para a complexidade da sua aprendizagem.

O ensino da oralidade, da leitura e da escrita não deve ser feito de forma isolada, pelo contrário, deve haver uma harmonização dos diversos instrumentos que concorrem para o mesmo, a aquisição e o desenvolvimento da competência lexical em Português língua segunda conseguem-se e podem ser melhorados quando o ensino primário concretizar no ensino o trinómio: oralidade, leitura e escrita de forma eficiente e eficaz. A esse respeito veja-se o que afirmam Lubliner & Smetana (2005):

“o capital lexical é igualmente um factor determinante da qualidade da escrita. Com efeito, quanto maior for, tanto maiores são os recursos disponíveis para seleccionar vocabulário preciso e para evitar repetições lexicais [...] este capital lexical influencia e é influenciado pelo volume de leituras e pelo nível atingido na compreensão da leitura são factores que favorecem a qualidade da produção escrita, a qual, por sua vez, tem efeitos na compreensão da leitura [...] e “desencadeia a espiral ascendente que conduz ao sucesso escolar” (cf. Duarte, 2011:9-10).

O encadeamento harmonioso das habilidades de oralidade, leitura e escrita surge, também no quadro dos objetivos gerais do ensino da língua portuguesa, quer no quadro mais amplo, *a Lei de bases do sistema de Educação em Angola* (2001:8) que no seu artigo 17º postula como um dos objetivos específicos do ensino primário, “*desenvolver e aperfeiçoar o domínio da comunicação e da expressão*”, quer no mais estrito, no de objetivos gerais da disciplina da Língua Portuguesa no ensino primário, dentre os quais se destacam no programa melhorado do ensino primário 6ª classe Língua Portuguesa os seguintes:

- (i) conhecer a língua nas suas variantes oral e escrita;
- (ii) aplicar a língua na comunicação e expressão oral e escrita;

- (iii) conhecer os princípios e procedimentos linguísticos e comunicativos relativos à oralidade, à leitura e à escrita;
- (iv) analisar os aspetos ligados à língua portuguesa, utilizando-os como base de aquisição de conhecimentos dos conteúdos de outras disciplinas.

Estes objetivos elucidam o quão é importante a apreensão com eficácia da oralidade, da leitura e da escrita, e estas habilidades devem ser convenientemente ensinadas para serem desenvolvidas.

2.2.6.1. As funções do dicionário no desenvolvimento da competência lexical

O dicionário é um instrumento de grande importância na aprendizagem linguística e, mormente no desenvolvimento da competência lexical do indivíduo. É uma ferramenta indispensável no quadro dos vários instrumentos de normalização linguística, mas está associado à natureza social e cultural de uma comunidade linguística, ou seja, além de ser um instrumento basilar de normalização linguística, também o é culturalmente.

Dubois *et al* (1973) *apud* Mendes (200:100) definem-o assim:

“um dicionário é um objecto cultural que apresenta o léxico de uma (ou várias) língua sob a forma alfabética, fornecendo sobre cada termo um certo número de informações (pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção, exemplos, emprego de sinónimos, idiotismos); estas informações permitem ao leitor traduzir uma língua para outra, ou preenchem as lacunas que não lhe permitiriam compreender um texto na sua própria língua. O dicionário visa também dar as matrizes dos meios de expressão e aumentar o conhecimento cultural do leitor”.

Vilela (1995:78) recorda os aspetos culturais dentro de um dicionário quando assevera que o dicionário regista: “*o conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, é a codificação desse saber [...] em suporte papel ou electrónico [...] que pode ser consultado por pessoas ou máquinas*”

O dicionário pode desempenhar um papel central no desenvolvimento da competência lexical do aluno, desde que seja selecionado de acordo com a realidade do aluno e os propósitos daquilo que se quer que o aluno apreenda.

Não se deve pôr de parte que todos os eixos ou aspetos que um dicionário carrega estão vinculados à aprendizagem de quem o consulta, independentemente das circunstâncias em que o faz, por isso, parece redundante quando se fala de dicionário na perspectiva didática.

Dada a sua pertinência, convém ser usado como um material didático “normal” como os outros, acontece que para a realidade de Angola, e no caso concreto do ensino primário, os alunos não possuem dicionário básico ou elementar como um material didático “normal” à semelhança de livro de textos ou manual de aluno.

O dicionário por ter um carácter multifacetado (pedagógico, social, cultural, histórico, ideológico, etc.) tradutor de conhecimento metalinguístico, tem uma utilidade inestimável na aquisição e consequente desenvolvimento da competência lexical, a sua adoção e manuseio por parte de alunos, sempre sob orientação do professor, do ensino primário seria um ganho para os alunos desenvolverem e aperfeiçoar o domínio da comunicação e da expressão oral e escrita.

2.2.7. Síntese do II capítulo

À guisa de súpula, no segundo capítulo foram apresentados os temas que constituem o cerne desta dissertação cujo capítulo se intitula: *Aquisição da competência Lexical em Língua Segunda*.

Passou-se em revista para cada item os conceitos operatórios onde se achou necessário para a compreensão da abordagem, no cômputo, o capítulo abarca os seguintes subtítulos: *Léxico, vocabulário, aquisição do léxico, ensino-aprendizagem do léxico, homonímia e polissemia, sinonímia, neologia e neologismos, competência lexical na oralidade, na leitura e na escrita, e por último, as funções do dicionário no desenvolvimento da competência lexical*.

Procurou-se apresentar as distintas abordagens que refletem a problemática de aquisição e desenvolvimento da competência lexical, privilegiando aquelas cujo

desígnio se aproxima ao que a dissertação preconiza; as formas de ensino e aprendizagem do léxico, a problemática da sua didatização, a importância que a leitura, a escrita e a oralidade têm na aquisição e desenvolvimento da competência lexical. Uma vez que se está na era das novas tecnologias de informação e comunicação as mesmas podem estimular a leitura e esta estar ao seu serviço. O papel da escola e dos professores na aquisição e desenvolvimento da competência lexical é insubstituível, não excluindo como é óbvio, o dos pais, encarregados da educação e do ambiente familiar no seu todo como propiciador de *inputs* que contribuem para aquisição e posterior desenvolvimento da competência lexical do aluno.

Tratando-se de um estudo, de certo modo “novo”, levado a cabo com os alunos que têm o Português como língua segunda e materna em simultâneo, chama-se, também, a atenção à forma de atuação dos professores no sentido de adequarem as aprendizagens ao contexto situacional e serem eles os criadores de condições para a interação necessária, gizando técnicas e estratégias atrativas para os seus alunos, estabelece-se um paralelismo, neste capítulo, dos objetivos que o *Programa de Língua Portuguesa de Ensino Primário e a Lei de Bases do Sistema de Educação em Angola* preveem por serem em parte coincidentes no que diz respeito à aquisição e ao desenvolvimento da competência lexical do aluno angolano.

Em relação às formas de aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno, “a questão de fundo” estão refletidas algumas como as vias direta e indireta, ou seja, o ensino explícito e o implícito, que, como se sabe a este respeito há um sem número de abordagens e teorias, o que não seria possível num trabalho de género contemplar todas, assume-se aqui um posicionamento de equilíbrio ao olhar para as mesmas, não dando primazia a uma em relação à outra, mas defende-se claramente que o contexto é determinante para a adoção de uma ou de outra forma de e no ensino-aprendizagem do léxico de uma língua.

CAPÍTULO III- Metodologia do Estudo

3. Procedimentos Técnicos e Metodológicos

Na presente investigação foi aplicado um inquérito aos alunos e aos professores, com vista a observar, entre outros aspetos, o conhecimento vocabular, através de um teste de avaliação do capital lexical dos alunos e a capacidade de escrita. Aos professores aplicou-se, também, um inquérito em que se pretendeu saber que metodologia se adequa para o ensino do Português em Angola, atendendo às especificidades dos alunos.

3.1.Caraterização dos inquiridos

O inquérito foi aplicado no mês de junho de 2014, aos alunos da 6ª classe e professores da escola de Ensino primário e do primeiro ciclo do recinto dos cavalos do Dundo Província da Lunda-Norte. O número da população é de (60) alunos e (20) professores, totalizando (80) inquiridos. A aplicação do questionário foi precedida de um pedido de autorização à Direção da respetiva escola que serviu de campo de investigação, petição pontualmente anuída, o que permitiu a consequente aplicação de inquérito ao grupo-alvo.

Embora o questionário tenha sido de fácil compreensão, manuseio e resposta simples, não nos coibimos em dar uma explicação prévia aos inquiridos para que se evitasse questões anómalas ou incompreensões no seu preenchimento, tarefa imprescindível para análise posterior de dados. A fase posterior deu-se com a distribuição de formulários aos inquiridos. Os professores dispensaram os seus preciosos 45 minutos que correspondem a uma hora letiva semanal, para que os seus alunos preenchessem os formulários com muita calma e precisão nas respostas.

Procurou-se ter uma amostra a mais representativa possível, a julgar pela seleção intencional da escola que se localiza numa zona geograficamente estratégica da cidade do Dundo, pelo facto de a referida instituição escolar acolher alunos de distintas proveniências (zonas urbanas e periféricas), o que em si garante uma segurança relativa para a generalização de dados resultantes do instrumento aplicado para a sua recolha.

3.1.1. Tipologia de inquérito

Sendo o inquérito uma técnica através da qual se pode recolher dados para se estudar um fenómeno ou um facto de interesse científico, nesta dissertação optou-se por esta pesquisa quantitativa para se poder alcançar resultados, anteriormente, propostos.

De acordo com Ghiglione e Matalon (1992:2) um inquérito consiste *em suscitar um conjunto de registos orais ou escritos, em interpretá-los e generalizá-los*. Quer dizer que, fazer inquérito é interrogar um certo número de pessoas e depois generalizar os seus resultados.

Para Quivy e Campenhoudt (1998:188) o inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, *uma série de perguntas relativas (...) às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer ponto que interesse os investigadores*. Refira-se que o inquérito aplicado ao grupo alvo, nesta dissertação, aproxima-se ao modelo aludido por Quivy e Campenhoudt.

Elaborou-se um conjunto de perguntas relacionadas com a aquisição da competência lexical na aprendizagem da Língua Portuguesa como língua segunda em Angola, tendo em consideração às especificidades do aluno angolano.

3.1.1.2. Objeto de estudo e Delimitação do campo de investigação

O objeto de estudo desta dissertação é a abordagem sobre a Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua segunda, especificidades do aluno angolano, esta tem que ver com a descrição da situação do ensino-aprendizagem do Português Língua segunda em Angola.

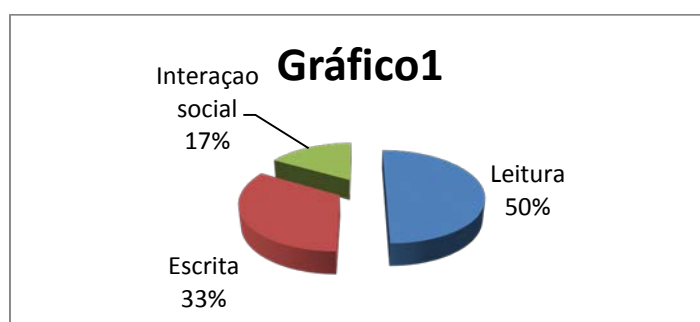
Pretendeu-se, outrossim, saber se o aluno que aprende o Português como Língua segunda adquire a competência lexical, que dele se espera, contribuindo para se alcançar resultados satisfatórios nas aprendizagens. Foca-se, assim, este estudo no léxico. Procura-se apurar a atitude ou o posicionamento do professor do Português, face à aquisição da competência lexical do aluno.

3.1.1.3. Análise e Interpretação de dados

Com a aplicação de instrumento de recolha de dados que se consubstanciou na aplicação de inquérito aos professores e alunos, tendo-se aplicado também a estes últimos um teste de avaliação do capital lexical, apresentam-se a seguir os respetivos dados que atestam o *status quo* dos inquiridos, bem como os comentários do *status quo* que se deseja no quadro da presente dissertação.

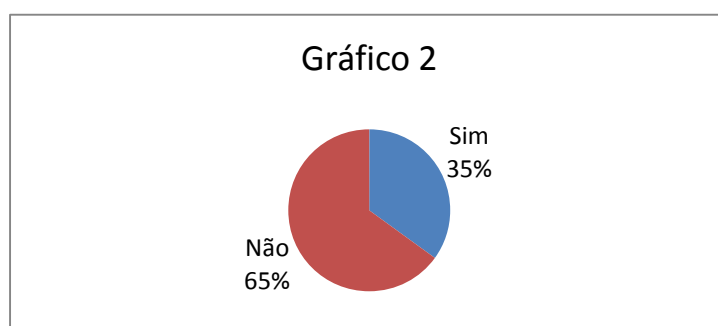
3.1.1.4. Gráficos de professores

1. O que pode ajudar na aquisição e desenvolvimento da competência lexical dos seus alunos?



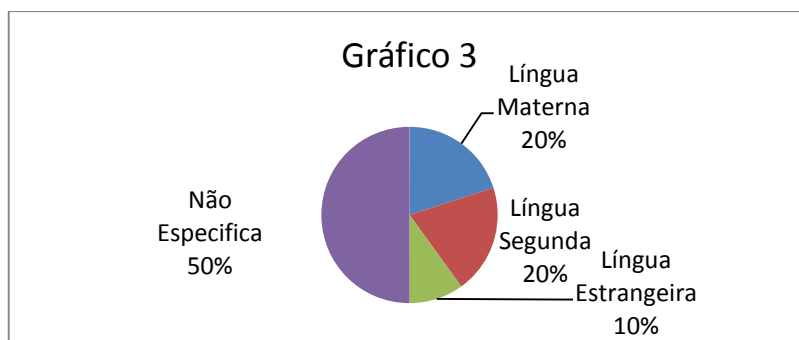
No gráfico 1 os professores têm opiniões divergentes em relação à pergunta, 17% dos professores optam pela interação social, 50% pela leitura e 33% pela escrita como importantes na aquisição e desenvolvimento da competência lexical.

2. No programa da Língua Portuguesa da sua classe há conteúdo que têm que ver com o ensino e aprendizagem do léxico?



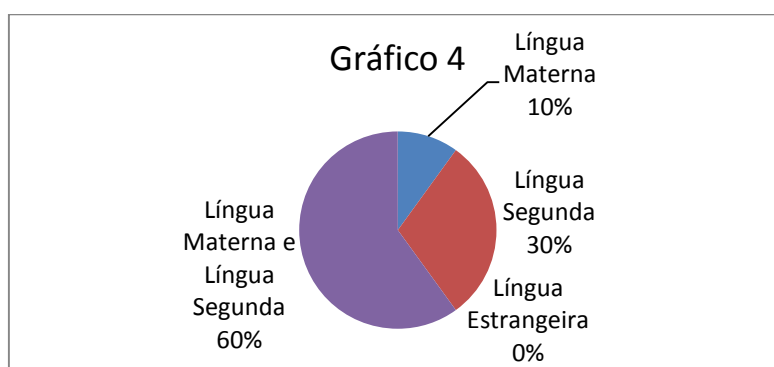
No dizer dos professores a maioria correspondendo a 65%, não há conteúdos relacionados com o ensino-aprendizagem do léxico, facto desmentido facilmente quando se consulta a ficha pedagógica de que dispõem para as aulas, e 35% dos professores afirmam que o programa tem algum conteúdo relacionado com o ensino aprendizagem do léxico.

3.Como professor de língua portuguesa aprendeu uma metodologia específica para o ensino do português como:



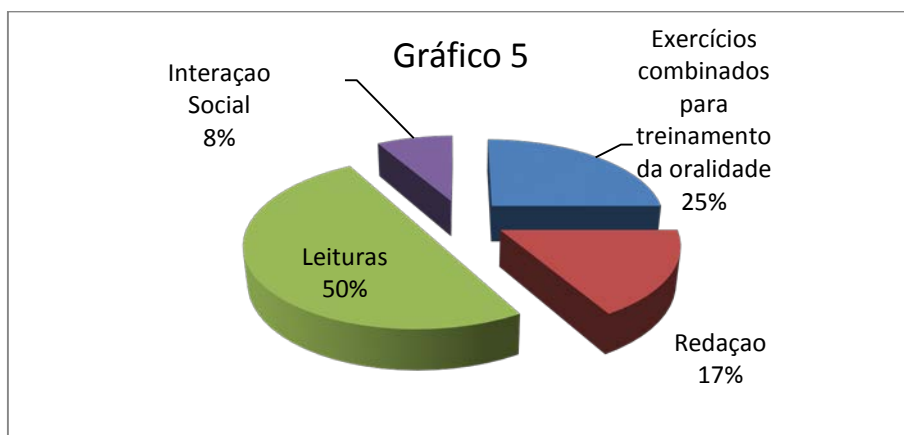
O gráfico 3 reporta uma das questões que, até certo ponto, os professores viram-se constrangidos e perplexos ao responderem. 50% dos professores afirmam que não aprenderam nenhuma metodologia específica para o ensino do Português; 20% afirmam que ensinam o português como língua materna e outros 20% como língua segunda; e 10% dizem que adotam metodologia de língua estrangeira.

4.Que metodologia se ajustaria para o ensino do Português em Angola, como:



Na mesma senda, mas perguntando por outras palavras, o gráfico 4 mostra que 60% dos professores optam pelo ensino do Português aplicando em simultâneo a metodologia língua materna e língua segunda, e 10% língua materna, ao passo que ninguém elegeu a metodologia de língua estrangeira.

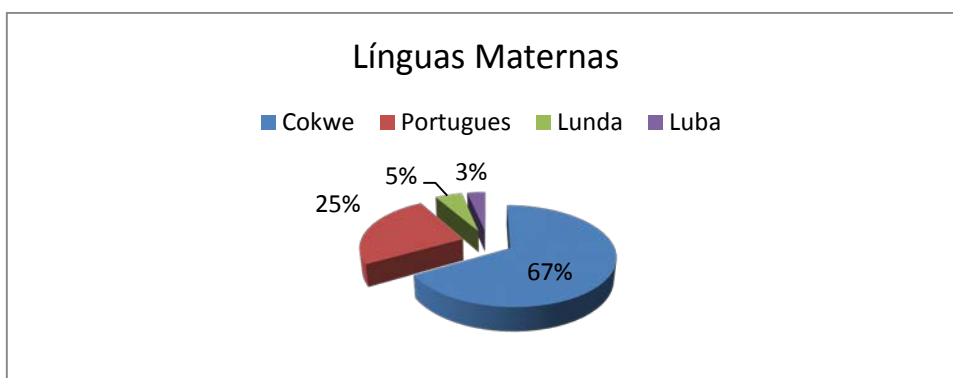
5.O que sugere para a melhoria da aquisição e desenvolvimento da competência lexical dos seus alunos?



No quadro das sugestões colhidas dos professores, gráfico 5, a respeito da melhoria na aquisição e desenvolvimento da competência lexical de alunos, as leituras aparecem como uma receita que se recomenda 50%, seguidas pelos exercícios combinados com o fito de treinar a oralidade com 25%, estes seguidos pela redação com 17%, e por fim, a interação social com 8%.

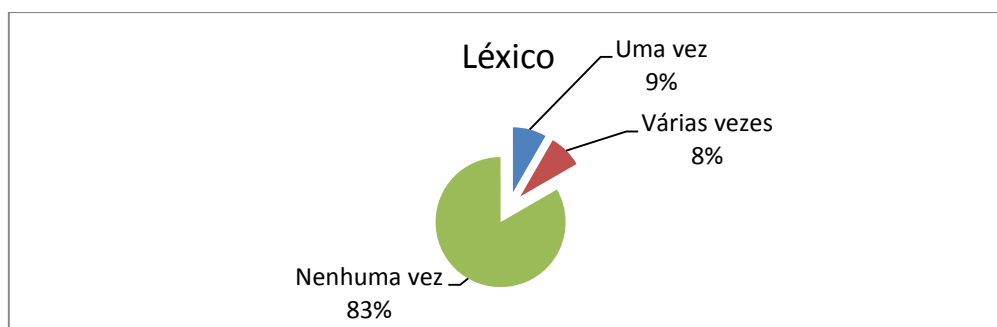
3.1.1.5.Gráficos de alunos

1.Qual e a tua língua materna?



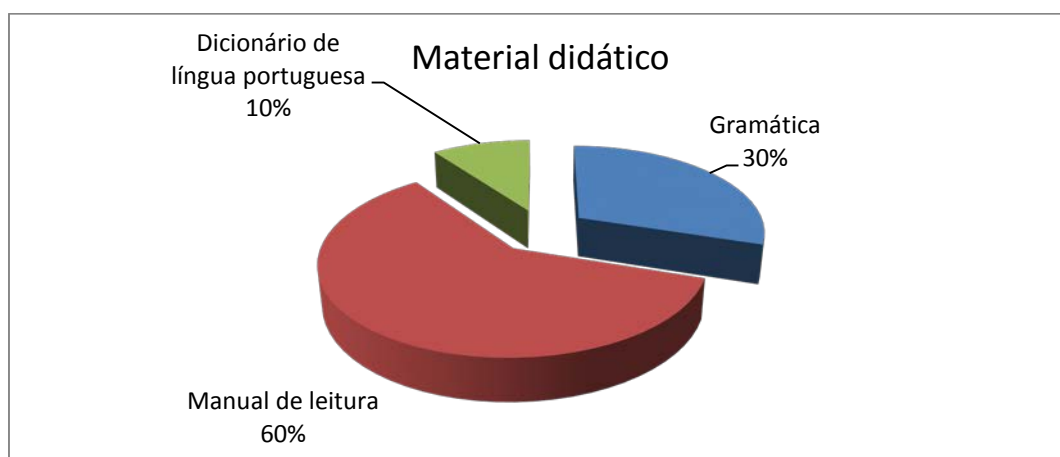
A maioria dos alunos inquiridos tem como língua materna o Cokwe 67%, seguindo-se lhes os alunos que têm o português como língua materna 25%, a estes seguem os de lunda com 5% e os que têm luba como língua materna correspondendo a 3%.

2. Quantas vezes falaram sobre o léxico na aula de Língua Portuguesa?



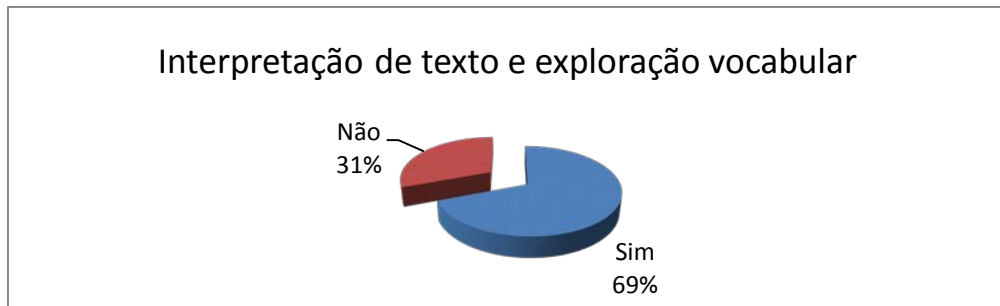
Por não ter sido dada nenhuma noção sobre o assunto, os alunos foram perentórios em afirmar que nenhuma vez se falou sobre o léxico, 83%, seguindo-se uma percentagem de 9% uma vez e 8% várias vezes, respetivamente, que disseram ter sido falado o assunto à Língua Portuguesa.

3. Do material didático abaixo qual é que o teu encarregado da educação adquire quando inicia o ano letivo?



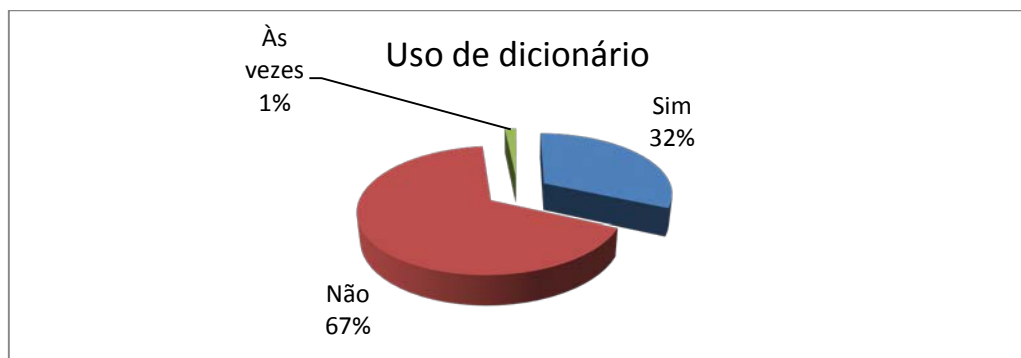
O manual de leitura tem sido aquele que os pais e encarregados da educação mais adquirem para os seus alunos 60% o possuem, seguindo-se a gramática com 30%, por último 10% o mini dicionário da Língua Portuguesa.

4. Nas aulas de leitura e interpretação de texto fazem a exploração vocabular?



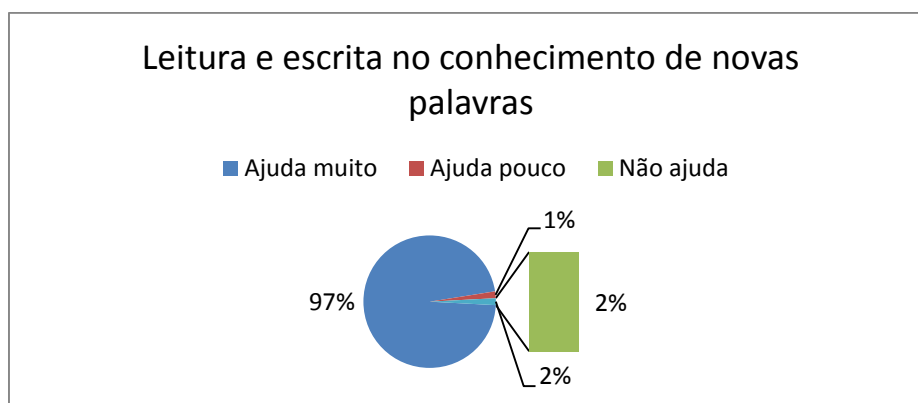
Nas aulas quando se pratica a leitura e a interpretação de texto, pelo que constata, faz-se a exploração vocabular para se identificar as palavras difíceis.

5. Usam dicionário para identificar sinónimos ou palavras difíceis?



Quanto ao uso do dicionário para o estudo de significado e relações de palavras (sinónimos), constatou-se que, muitas vezes, o professor não recorre ao dicionário 67%, para explicar com clareza os sinónimos em contexto e os antónimos, fazendo-o às vezes 1% e poucas vezes o faz com 32.

6. Em que medida a leitura e a escrita te podem ajudar para conheceres palavras novas e te comunicar melhor



Os alunos, a maioria 97% reconhece que a leitura ajuda grandemente para o conhecimento de novas palavras e um número insignificante apontou as opções ajuda pouco 1% e não ajuda 2%.

3.1.2.5.1. Quadros de teste de avaliação do capital lexical

Os quadros que abaixo se apresentam (**Bateria A- Sinonímia e Bateria B- Homofonia**) resultam do teste aplicado aos alunos da escola recinto dos cavalos, população inquirida nesta dissertação. O mesmo teste de que resultam foi aplicado com o fito de conhecer o capital lexical dos sujeitos implicados, utilizando para tal uma série de exercícios de sinónimos e de homófonas que se adequassem à faixa etária dos sujeitos e ao nível de escolaridade.

No que diz respeito aos exercícios de sinónimos, os resultados revelam pouco conhecimento na distinção dos sinónimos em contexto, deste modo, esforços contínuos por parte do professor como orientador e facilitador das aprendizagens deveriam ser feitos para a melhoria substancial de resultados dos seus alunos.

3.1.2.5.2.Bateria A. Sinonímia

Tipo de atividade	Palavra	Opções sinonímicas	Percentagens	
Identificação de Sinónimos	Professor	a) Criador b) Educador c) Mestre	Resposta positiva 83,3%	Resposta negativa 16,6%
	Habilidoso	a) Destro b) Capacitado c) Desconhecido	Resposta positiva 66,6%	Resposta negativa 33,3%
	Recente	a) Novo b) Acessível c) Grande	Resposta positiva 50%	Resposta negativa 50%
	Sábio	a) Erudito b) Que sabe muito c) Prudente	Resposta positiva 91,6%	Resposta negativa 8,3%
	Perito	a) Conhecedor b) Capaz c) Incapaz	Resposta positiva 30%	Resposta negativa 70%
	Veloz	a) Velho b) Rápido c) Servo	Resposta positiva 43,3%	Resposta negativa 56,6%
	Discreto	a) Discrente b) Modesto c) Reservado	Resposta positiva 25%	Resposta negativa 75%

3.1.2.5.3.Bateria B. Homofonia

Tipo de atividade	Frases	Opções das homófonas	Percentagens	
Completamento de espaços vazios com as homófonas correspondentes	A nossa escola vai ser palco de um----- musical.	a) Concerto b) Concerto	Resposta positiva	Resposta negativa
			21,6%	78,3%
	Todas as pautas da escola vão ser-----	a) Celadas b) Seladas	Resposta positiva	Resposta negativa
			25%	75%
	No natal os meninos internados no hospital central do Dundo recebem uma-----	a) Sexta básica b) Cesta básica	Resposta positiva	Resposta negativa
			80%	20%
	As nossas mães----- à máquina quando os calções estão rasgados.	a) Cozem b) Cosem	Resposta positiva	Resposta negativa
			18,3%	81,6%
	Angola organizou pela primeira vez, como país independente, o-----	a) Censo b) Senso	Resposta positiva	Resposta negativa
			55%	45%
	O avô do João era --- de Deus.	a) Servo b) Cervo	Resposta positiva	Resposta negativa
			43,3%	56,6%
	Os automobilistas da cidade do Dundo não gostam de usar----- de segurança.	a) Cinto b) Sinto	Resposta positiva	Resposta negativa
			51,6%	48,3%

Quanto aos resultados das homófonas inspiram cuidado, ou seja, deve dedicar-se maior atenção, por se saber que, as homófonas exigem do aluno maior concentração e conhecimento real das palavras e não apenas uma simples intuição para a sua identificação.

Os exercícios para a identificação e, concomitantemente, os resultados de identificação das homófonas, já, indicam implicitamente também, qual é o real nível de leitura e escrita dos sujeitos inquiridos, mais uma vez ressalte-se a importância de que se reveste a abordagem encadeada que nos referimos acerca do ensino da oralidade, leitura e escrita. E, há toda necessidade de se refletir sobre as atividades que os professores no quotidiano desenvolvem e orientam aos seus alunos com vista o enriquecimento do capital lexical destes. Poderia ser aproveitado o facto de os alunos inquiridos terem reconhecido a importância da leitura na aquisição e desenvolvimento da competência lexical, com isto os professores orientarem leituras sistemáticas dentro e fora da escola.

3.1.2.5.3.1 Apresentação e Discussão dos Resultados

Dos 20 professores inquiridos 15 são técnicos superiores (bacharéis) e 5 técnicos médios, todos eles professores de Língua Portuguesa, sendo todos efetivos do Ministério da Educação, muitos dos quais com larga experiência no ensino.

Dos 60 alunos inquiridos a faixa etária varia dos 12 aos 14 anos, de proveniência diversa (bairros periféricos) da cidade do Dundo, acorrem a esta escola por se localizar, mais próxima dos seus bairros e por reunir as mínimas condições de acomodação.

Esta secção apresenta e discute, primeiro, os resultados obtidos através do inquérito aplicado ao professores e aos alunos, tomando as questões mais relevantes, para ajudar a sustentar algumas considerações que tecemos ao longo da dissertação, mormente às questões que têm que ver com aquisição e desenvolvimento da competência lexical em língua segunda, as vias por que se tem que “andar”, a metodologia para o efeito em face das especificidades dos sujeitos participantes do estudo, os mecanismos envolvidos diretamente: a leitura, a oralidade, a escrita, só para citar.

Na ânsia de se complementar os dados obtidos através de inquérito, aplicou-se também um teste para avaliar o capital lexical dos alunos que participaram da pesquisa com duas baterias.

A **bateria-A** contém uma série sinonímica na qual os alunos dispunham de três a duas opções para identificar os sinónimos das palavras. A **bateria-B** contendo uma serie de homófonas. As palavras que foram objeto material para a construção das séries sinonímicas e das homófonas nas duas baterias (**A e B**) foram extraídas criteriosamente do Manual de aluno da 6ª classe, (*Pp.14-47, cf. anexo manual do aluno*) e, de certa forma lhes são familiares, por que constituem o léxico básico e quotidiano.

Questionados, nesta pesquisa, sobre o que pode ajudar na aquisição e desenvolvimento da competência lexical dos seus alunos, muitos professores disseram que os itens enumerados, leitura 50%, escrita 33%, interação social 17%, todos concorrem para este fim, todavia a leitura está em primeiro lugar por ser aquela que o aluno pode praticar, por si só, e com ela adquirir e desenvolver a competência lexical.

A terceira questão refere-se à metodologia específica para o ensino da Língua Portuguesa, 50% dos inquiridos disseram que não aprenderam uma metodologia específica para o ensino do Português, 20% afirmaram que ensinam o Português como língua materna e outros 20% ensinam-no como língua segunda, apenas 10% disseram que o ensinam como língua estrangeira. Observe-se, portanto, que há ambiguidade quanto à metodologia a adotar para o ensino do Português nas escolas angolanas, facto evidenciado pelas respostas dadas ao inquérito. Para tanto, urge necessidade de se definir, com clareza, que metodologia a seguir para o ensino do Português, ensiná-lo como língua segunda, língua materna ou língua estrangeira (hipótese desfasada). Em conversa descontraída com os professores todos diziam que, quanto à metodologia, para o ensino do Português, não sabem de facto se a metodologia que usam para o ensino do Português é especificamente como língua materna, ou segunda, mas estrangeira não, e alegam que durante as formações isto não tem sido abordado.

Mostrando a outra face da moeda, deu-se na quarta questão a possibilidade de os professores sugerirem, então, a metodologia que se ajustaria para o ensino do Português, visando debelar algumas incertezas no seu ensino; cientes da relevância e da crescente nacionalização do Português, os professores optaram pelo ensino do Português como língua segunda e língua materna em simultâneo, correspondendo a 60%, ou seja, onde as circunstâncias o justificarem ensina-se Português com metodologia de língua segunda, e se não for o caso, então ensina-se Português com metodologia de língua

materna, segue-se língua segunda 30%, língua materna com 10%, e como era expetável, língua estrangeira com 0%.

Os resultados obtidos através desta pergunta espelham o ponto de vista que avançamos ao longo da nossa dissertação, segundo o qual atendendo às especificidades dos alunos angolanos uns têm o Português como língua segunda (esmagadora maioria), outros como língua materna, seria bom adotar e clarificar-se metodologias no ensino da Língua Portuguesa em Angola, quer como língua segunda, quer como língua materna por haver um número cada vez mais crescente de angolanos que assim o têm como língua primeira. Mas é ponto assente que se se ensinar o Português com metodologia de língua segunda, ter-se-iam resultados satisfatórios e aprendizagens muito significativas. Todavia, prescinde-se a ideia de se ensinar o Português como língua estrangeira, por ser já desajustada esta abordagem da realidade atual.

De sugestão em sugestão, os professores na quinta e última pergunta apontam a leitura 50%, exercícios combinados para treinamento da oralidade 25%, redações 17%, e por último, interação social 8%. Todas as fórmulas sugeridas pelos professores contribuem para a melhoria de aquisição e desenvolvimento da competência lexical de alunos; em relação à interação social, chamar-se-ia a atenção quanto ao meio, ou seja, o ambiente escolar, o ambiente familiar ou de amigos só se torna importante quando proporciona impulsos positivos, formas de falar, escrever e leituras bem elaboradas.

Continuando com a apresentação e discussão dos dados, seguem-se os dos alunos, que por sinal, maioritariamente tem como língua materna o Cokwe 67%, e o português como língua materna corresponde a 25%, seguem-se os que têm lunda como língua materna 5%, e luba como língua materna com 3%.

Questionados se já falaram alguma vez sobre o léxico, as respostas foram: 83% dos alunos disseram que nenhuma vez, 9% dos alunos afirmaram ter ouvido falar do léxico uma vez, e apenas 8% dos inquiridos já várias vezes falaram sobre o léxico. O guia prático de que os professores dispõem para a preparação das aulas, na ficha pedagógica (pp 167-168, cf. *Anexo ficha pedagógica*), quer a atividade do professor, quer a atividade do aluno na *Aula Nº 132 e 133 cujo Tema: “Os contos populares”, Texto: “Kibala, o Rei Leão” P.135, Assunto: Os antónimos e Sinónimos*, faz referência ao léxico. Por isso, dizíamos nós que pelo facto de os professores não terem dado a

noção básica aos seus alunos sobre o assunto faz com que estes falem do desconhecimento total. (cf. *Gráfico sobre o léxico*).

Afiguram-se fundamentais os materiais didáticos para o ensino e aprendizagem de qualquer língua, destacando-se, como é tradicional, a gramática, os dicionários e os manuais de alunos. Os alunos foram questionados sobre que material do já citado, os seus pais e encarregados da educação adquirem nas vésperas de início do ano letivo. O manual é o mais adquirido com 60%, seguindo-se a gramática com 30%, e o dicionário o último com 10%. O dicionário é um instrumento-força para o conhecimento de palavras novas se a sua consulta for regular e orientada pelo professor ajuda bastante na aquisição e desenvolvimento da competência que se espera. (cf. *Gráfico sobre o material didático*).

Atendendo à pertinência do uso do dicionário para a identificação de palavras difíceis ou novas, os alunos com base no que expuseram na questão anterior conseguiram revelar que muitos não o possuem, os poucos que o possuem não o levam à escola, simplesmente por lhes faltar essa cultura. Vejam-se os dados: 32% usa o dicionário, 67% não usa o dicionário, e os alunos que às vezes o usam não passam de 1%. Julgamos que, assim, é difícil incentivar os pais e encarregados da educação à compra do mesmo, e a consulta regular por parte de alunos.

Quando assim não acontece, está-se perante o imprevisto, pois, os professores revelaram que muitas vezes o não uso de dicionário por parte destes para a exploração vocabular, identificação de sinónimos e palavras difíceis, deve-se à falta de uma biblioteca interna (na escola) que disponha desta ferramenta. Os professores comprometidos com as suas tarefas e com a qualidade (mínima) de ensino, não medem força levam os dicionários das suas casas não se importando do peso.

É incomensurável e evidente o impulso que a leitura e a escrita podem dar no conhecimento de palavras novas e na comunicação dos seus assíduos utentes, isso mesmo é demonstrado pelos números: ajuda muito corresponde a 97%, ajuda pouco 1% e não ajuda corresponde a 2%.

Estando os alunos conscientes da importância que a leitura e a escrita carregam na aquisição e desenvolvimento da sua competência lexical, agora, cabe aos professores criarem as condições propícias para incentivar à prática leitora de seus alunos. Pois, vários estudiosos reconhecem a relevância inestimável que a leitura tem a este respeito.

3.1.2.5.3.1.1 Síntese do III Capítulo

No terceiro e último capítulo, em jeito de epitome, fez-se a apresentação da *metodologia do estudo*, apresentaram-se *os procedimentos técnicos e metodológicos*, que sustentaram a dissertação, como se sabe, a metodologia tem por objetivo guiar e orientar o investigador para alcançar uma determinada meta a que se propôs *a priori*, seguiu-se a *caraterização dos inquiridos*, procedeu-se, também, à definição de *tipologia de inquérito*, e em particular, o inquérito aplicado, passou-se em revista o *objeto de estudo e delimitação do campo de investigação*.

Apresentaram-se, posteriormente, *a discussão dos resultados do inquérito aplicado aos alunos e professores (população estudada)*, *os gráficos de professores e alunos e dois quadros* resultantes da aplicação de um *teste de avaliação do capital lexical de alunos com duas baterias*, Bateria-A *sobre sinonímia* e a Bateria-B *sobre a homofonia*, com objetivo de avaliar o nível do léxico de base dos alunos.

Os resultados do inquérito aplicado aos professores e aos alunos são elucidativos e deles podem tirar-se ilações válidas para se continuar a estudar, descrever e refletir sobre o ensino do português em Angola, e a aquisição e o desenvolvimento da competência lexical.

3.1.2.6. Conclusões

Ao longo dos anos, muitos estudos têm sido produzidos concernentes à aquisição/aprendizagem de língua segunda ou língua não materna, nos quais são reveladas algumas particularidades que se devem ter em conta ao se fazer estudos análogos. No caso concreto da realidade de Angola, confronta-se com a escassez de estudos que evidenciam a aquisição e o desenvolvimento da competência lexical na aprendizagem do Português língua segunda atendendo às especificidades linguísticas dos alunos, estas e outras razões estão na base de eleição do tema que servira para a dissertação.

Angola, desde os primórdios da sua independência, consagrou o Português como a língua de escolaridade, para tanto, o seu ensino-aprendizagem sempre foi privilegiado em detrimento de outras línguas com as quais o português contacta, e para larga maioria dos alunos são as línguas maternas, mas não contempladas nos programas de ensino. Apesar de esta primazia o ensino-aprendizagem do Português continua a processar-se com dificuldades, que vão desde a não clarificação das metodologias que acautelem a sua aprendizagem por parte de alunos que estão no sistema de ensino, mas falantes primários de outras línguas maternas, até à contextualização de metodologias por parte dos professores face às realidades específicas em que atuam.

Sublinhe-se que é do interesse do governo de Angola, e figura como objetivo primordial na escolarização fundamental dos seus alunos a aquisição e o desenvolvimento de competências comunicativas (cf. Lei de Bases do Sistema de Educação, 2001 e Programa de Língua Portuguesa Ensino Primário Melhorado s/d), *latu sensu*, em Língua Portuguesa para que este desiderato se concretize, afigura-se perene a necessidade de assunção e adoção de métodos de ensino do Português quer como língua segunda, quer como língua materna, beneficiando os alunos que se encontrem quer numa como noutra situação linguística, evitando os desfasamentos e a inclusão metodológica de todos os aprendentes.

Os informantes (professores e alunos) concordam que a leitura desempenha um papel fundamental para aquisição e desenvolvimento da competência lexical quando se aprende uma língua segunda, desta feita, é de todo recomendável que os professores adotem tarefas explícitas que incentivem a prática de leitura e uso de textos variados para o desenvolvimento das competências comunicativas dos seus alunos.

Aos informantes (alunos) foi aplicado um teste de avaliação do capital lexical, com duas baterias (uma para a compreensão da sinonímia e outra para a compreensão da homofonia) cujos resultados alertam para a necessidade de mais envolvimento e esforços consertados, quer dos professores, quer dos pais e encarregados de educação no desenvolvimento de competência lexical dos seus educandos.

Os informantes (professores) revelaram que não consultam com regularidade o programa de ensino de que se servem para a preparação e ministração das aulas, para não se dizer, de modo extremista, que estes não possuem o domínio do programa (cf. Gráfico 2).

O programa da 6ª classe a que se faz referência que os professores pouco o consultam para maior domínio das suas diretrizes ou orientações, propõe no seu subtítulo *orientações metodológicas*, curiosamente, o uso de dicionário quando se trata de vocabulário:

“Devem-se introduzir novos vocábulos a partir da análise e interpretação de textos do Manual e outros, tanto de forma oral como de forma escrita; deve-se utilizar o dicionário para se encontrar sinónimos de palavras desconhecidas” (cf.p.17).

A diversidade linguística dos informantes (alunos) atesta mais uma vez que o ensino-aprendizagem do Português em Angola não deve descurar a compreensão das línguas maternas dos aprendentes (cf. Gráfico: línguas maternas).

Pretende-se dizer que, o ensino-aprendizagem, a valorização e promoção das línguas nativas de Angola, que por sinal, constituem em muitos casos, as línguas maternas dos alunos pode ter repercussões positivas para o ensino-aprendizagem do Português como a primeira língua na escolarização de alunos de Angola.

Não menos importante é a definição de uma política linguística que contemple e promova todas as línguas de Angola, para a proteção daquelas que menos se falam, prevenindo-as da morte e a quebra do património linguístico angolano e mundial.

3.1.2.7. Breves sugestões

Com este estudo e os seus resultados, revela-se importante sugerir o que parece possível melhorar, alterar e, em alguns casos, proceder de forma diferente para o ensino-aprendizagem do Português língua segunda em Angola, com vista a consecução de aquisição e desenvolvimento de competência lexical do aluno.

Nesta dissertação faz-se um excuro de posicionamentos dos mais diversos estudiosos angolanos que refletem sobre o ensino do Português em Angola, muitas reflexões as quais corroborámos neste estudo, abordam a necessidade de uma metodologia mais clara em relação ao ensino do Português, quer como língua segunda quer como língua materna, a formação de professores de língua Portuguesa aos mais diferentes níveis, a necessidade de se ensinar as línguas nativas nas escolas para se poder alcançar resultados satisfatórios ao ensinar-se o Português.

Não se deve também descurar a atualização permanente de ferramentas pedagógicas (programas, cadernos de atividades, manuais, livros de textos, gramáticas, dicionários, prontuários ortográficos, etc).

Confirmada, nesta dissertação, a relevância que a leitura, a escrita e as outras formas de interação social têm na aquisição e desenvolvimento da competência lexical, não é redundante nem é desgastante física e psicologicamente, apelar-se ao incentivo das mesmas, sobretudo o incentivo ao gosto pela leitura dos mais variados tipos de géneros textuais (lúdicos, técnicos e científicos) que estejam de acordo com a faixa etária e o grau de escolaridade, permitindo a maximização na exploração vocabular, na interpretação dos sentidos, até ao conhecimento da palavra na sua forma escrita.

Anela-se, por um lado, que este estudo possa contribuir para a compreensão da complexa realidade linguística angolana, e por outro, se compreenda também o ensino-aprendizagem do Português.

Pretende-se, ainda incentivar outros estudos sobre aquisição de competência lexical em língua segunda, sob prismas diferentes e servir de ferramenta para professores de Língua Portuguesa em contextos de língua não materna, segunda ou materna, dando-lhes conta de questões fundacionais na aquisição/aprendizagem de línguas e no desenvolvimento da competência lexical de alunos.

Desde a aquisição/aprendizagem de línguas à aquisição e desenvolvimento de competência lexical em língua segunda, foram feitas diversas abordagens que dão conta de diferentes vias e metodologias para o ensino, aprendizagem, aquisição e desenvolvimento do léxico numa língua segunda, não se defende aqui a transladação de tais estratégias para uma realidade sobejamente conhecida que é plurilingue, todavia, é possível os professores de Língua Portuguesa em Angola conhecerem profundamente a realidade em que atuam e agir de acordo com a mesma e não se limitarem a seguir cegamente a operacionalização de algumas orientações programáticas.

Cabendo ainda ao professor o papel de ajudar os alunos a construir os seus próprios conhecimentos através das orientações por si dadas, sugere-se um espírito criador, fazendo uso dos diferentes materiais de que a escola dispõe para o incentivo à criatividade de seus alunos, espírito crítico e propensão à inovação.

Defendemos, aqui, que o professor faz e sempre fará a diferença, um professor que se comprometa com a sua profissão e com a melhoria da qualidade de ensino não mede esforços para traduzir em bons resultados as dificuldades que se lhe depara no dia a dia, buscando soluções onde para alguns nada ou quase nada se pode fazer, por isso a formação sólida do professor, a abnegação são indispensáveis para a diferença que se traduz na forma de cativar e lidar com os alunos em todos os momentos das aprendizagens e sobretudo nos mais difíceis.

No seguimento, ainda das constatações resultantes do teste de avaliação aplicado aos alunos, sugerem-se algumas atividades de intervenção abrangendo as principais habilidades básicas no ensino-aprendizagem de língua segunda:

- orientação de identificação de mensagens textuais que se adequem à faixa etária e ao grau de escolaridade acompanhadas com esclarecimento de vocábulos novos, produção de textos breves mas significativos;

- ouvir atentamente uma leitura modelo, feita pelo professor, pôr os alunos a ler, dialogar acerca do texto e das mensagens por si veiculadas, dramatizar os textos, imitar opiniões, de forma franca e natural, cabendo ao professor o acompanhamento atento de toda a produção (da fala, da leitura, e da escrita). Todas estas atividades propostas visam tão-somente despertar no aluno o interesse de aprender a ouvir, falar, ler e

escrever, transpondo, posteriormente estes saberes para outros ambientes que não sejam o da sala de aula porque ativam e desenvolvem a competência discursiva do aluno.

A tarefa de ensinar é tão ingente para ser deixada apenas nas mãos dos professores, embora se reconheça que estes receberam formação específica para a sua exemplar execução, os pais e os encarregados de educação são chamados para a complementar e/ou facilitar na ausência do professor, lembrando-se que no contexto angolano, o aluno passa mais tempo em casa do que na escola como era de se esperar.

4.1. Bibliografia especializada

Alves, I. M. (2002), *Neologismo. Criação Lexical*. São Paulo. Ática.

Ançã, M. H. (1999), “Da língua Materna à língua segunda”. *Noesis*, Revista online da Direção geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular nº51 pp.14-16.

Barreiros, M. M. da S. (2014), *O enriquecimento Lexical através da hora do Conto*. Dissertação de Mestrado no Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Educação de Viseu.

Basílio, M. (1980), *Estruturas Lexicais do Português: Uma abordagem gerativa*. Editora vozes. Petrópolis.

Bento, C. I. da S. (2013), *Aquisição de Português Língua não Materna- O conjuntivo na interlíngua de Falantes nativos de Neerlandês*. Tese de Mestrado Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

Bloommfield, L. (1933), *Language*. Nova Iorque.

Bréal, M. (1983), *Essai de Semantique, Science des Significations* (Reeditado). Brionne: Gerard Monfort.

Cardoso, G. A. J. (2005), *As interferências Linguísticas do Cabo-verdiano no Processo de Aprendizagem do português*. Tese Mestrado Universidade Aberta. Lisboa.

Carvalho, J. A. Br. (2011), “A Escrita como Objecto Escolar- Contributo para a sua R (e) configuração”. In Duarte, Isabel; Figueiredo Olívia (orgs). *Português Língua e Ensino*. 1ª Edição. Editora Universidade Porto. Porto. pp.77-106.

Ceia, C. (2012), *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. 9ª Edição revista e atualizada. Editorial Presença. Lisboa.

Chaves, P. R. (2013), “Léxico. Organização do Léxico”. In Raposo, Eduardo Paiva *et. al. Gramática da Língua Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa pp.181-211.

Corder, S. P. (1967), “The significance of Learner’s errors” In J.C. Richards (ed) *Error Analyses. Perspectives on Second Language acquisition*. New York, Longman, 1974:19:27.

Correia, M. (2000), “Homonímia e Polissemia- Contributos para a delimitação dos conceitos”, *Revista Palavras*, nº19, Lisboa: Associação dos Professores de Língua Português, pp. 57-75 ou www.iltec.pt/pdf/.../2000mcorreia-homomnimia-polissemia.pdf.

Correia, M.; Lemos, L. S. P. de (2009), *Inovação Lexical em Português*. Edições. Colibri. Lisboa.

Costa, A. F. da (2006), *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola- Para uma análise Referencial*. Universidade Católica de Angola (UCAN).

Cristóvão, F. (2009), *Método. Sugestões para a Elaboração de um Ensaio ou Tese*. 2ª Edição. Edições Colibri. Lisboa.

Defays, J.-M.; Deltour, S. (2003), *Le française langue étrangère et seconde, enseignement e apprentissage*, Sprimont: Pierre Mardaga editeur.

Duarte, I. (2011), *O conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência Lexical*. Colaboração de Madalena Colaço e outras. Ministério da Educação. Lisboa.

Faria, I. H. (2003), “Contacto, variação e mudança linguística”. In: Mateus, Maria Helena Mira *et. al Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª Edição. pp.33-51.

Fernandes, J.; Ntongo, Z. (2002), *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Edições Nzila.

Figueiredo, O. (2011), “Da Língua como Sistema à Fala como Ato. Ensino do modo Oral”. In Duarte, Isabel; Figueiredo Olívia (orgs). *Português Língua e Ensino*. 1ª Edição. Editora Universidade Porto. Porto. pp.246-266.

Figueiredo, O. (2011), “Ensino Aprendizagem do Léxico. Orientações Metodológicas”. Duarte, Isabel; Figueiredo Olívia (orgs). *Português Língua e Ensino*. 1ª Edição. Editora Universidade Porto. Porto. pp.345-362.

Figueiredo, E. (2011), “O Desenvolvimento da Competência Lexical. Algumas Notas Sobre o Ensino Aprendizagem do Léxico no Ensino Secundário”. In Duarte, Isabel; Figueiredo Olívia (orgs). *Português Língua e Ensino*. 1ª Edição. Editora Universidade Porto. Porto. pp.365-386.

Gass, S. M.; Selinker, L. (2008), *Second Language Acquisition*. 3rd Edition. Editora Taylor. Madison. New York.

Giasson, J. (1993), *A compreensão na Leitura*. 1ª Edição. Edições ASA.

Ghiglione, R.; Matalon, B. (1992), *O inquérito. Teoria e Prática*. Paris.

Godinho, C. (2011), *Discussão Sobre o Estatuto da Língua Portuguesa em Imigrantes dos PALOP em Contexto de Reconhecimento. Validação e Certificação de Competências*. Editado por Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Lisboa.

Guasti, M. T. (2004), *Language Acquisition. The growth of grammar*. Editora Paperback. USA.

Hatch, E.; B., C. (1995), *Vocabulary, Semantics and Language Education*. Cambridge. CUP.

Heger, K. (1974), *Teoria Semántica. Hacia una Semántica moderna II*. Madrid: Alcalá.

Krashen, S.D. (1981), *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford. Pergamon. London.

Lado, R. (1972), *Introdução à Linguística Aplicada*. 2ª Edição (Tradução de Vicente Pereira de Sousa). Editora vozes. Petrópolis.

Leiria, I. (2006), *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não Materna*. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a ciência e a Tecnologia. Lisboa.

Lehmann, A.; Martin, B. (2000), *Introduction à Lexicologie: Semantique et Morphologie*. Paris.

Lino, M. T. da F. R. (1979), “Importância de uma Lexicologia Contrastiva”. Letras soltas1. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

Lino, M. T. da F.R. (1984), “Análise Léxico-Semântica”. *Letras soltas*2. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

Lino, M. T. da F. R. (1989), “Língua Portuguesa, Língua das Ciências e das Técnicas: Neologia Científica e Técnica e Lexicográfica”. *Actas do Congresso Internacional a língua portuguesa que futuro. Sociedade da Língua Portuguesa*. Lisboa.

Lino, M. T. da F. R. (1990), “Observatório do Português Contemporâneo”. Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. In *Actas do Centro de Estudos Comparados*. Linha de investigação-2. Núcleo de Estudos de Linguística Contrastiva. Universidade Nova de Lisboa. 26 e 27 de Junho. Lisboa.

Lino, M. T. da F. R. (1991), “Terminologia da Lexicologia e da Lexicografia”. In *Dicionário de termos linguísticos*. Vol.II. Cosmos. Lisboa.

Lino, M. T. da F. R.; Contente, M. (2003), “Neologia Terminológica: Evolução Conceptual e Semântica”. In *Actas do III SIMELP-Simpósio Mundial de Estudo de Língua Portuguesa*. Universidade de Macau. 30 de Agosto 2 de Setembro 2011. Macau.

Lino, M. T. da F. R. (2007), “Rede de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa (Em Situação de contacto de Línguas) ”. In *Actas Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa-AULP*. Universidade de Cabo Verde. Cabo Verde.

Lino, M. T. da F. R. (2010), “Neologia e Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de Línguas” (em colaboração). Medina, Daniel, Grôs, Ana Pita & Chicuna, Alexandre. *Revista de Filologia e linguística Portuguesa*.42. Universidade de São Paulo. Indexada em Latindex.

Lubliner, S.; Smetana, L. (2005), *Getting into Words. Vocabulary Instruction that Strengthens Comprehension*. Baltimore. Paul H. Brooks Publishing. Co.

Manyuk, P. (1975), *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*. (Tradução de Geraldina Porto Witter e Leonor Scliar Cabral). Editora pioneira. São Paulo.

Madeira, A. (2008), “Aquisição de L2”. In: Osório P. & Meyer R. M. (orgs.). *Português Língua segunda e Língua Estrangeira: Da (s) Teoria (s) à (s) Prática (s)* - LIDEL-Edições Técnicas Lda-189-201.

- Mateus, M. H. M.; Villalva, A. (2006), *Linguística*. Editorial Caminho, SA. Lisboa.
- Mateus, M.H.M; Solla, L. (2013), *O Ensino do Português como Língua não Materna: Estratégias, Materiais e Formação*. ILTEC. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Marques, I. G. (1983), “Algumas Considerações sobre a Problemática Linguística em Angola” in: *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo* (Actas vol. 1, 2ª ed. p.205-224), Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.
- Martinet, A. (1991), *Elementos de Linguística geral*. 11ª Edição. (Tradução adaptada para leitores da língua portuguesa). Editora Sá da Costa. Lisboa.
- Mendes, B. C. (1985), *Contribuição para o Estudo da Língua Portuguesa em Angola*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mendes, I. (2000), *O Léxico no Português de Moçambique*. (Aspectos neológicos e Terminológicos). Editora Promédia.
- Mesquita, H.; Gama, M. (2008), *Manual de Língua Portuguesa 6ª Classe*. Ministério da Educação-Angola.
- Miguel, M. H. (2008), “Língua Portuguesa em Angola: Normativismo e glotopolítica” in: *Lucere. Revista Académica da UCAN*, Ano-4, Nº.5.
- Mingas, A. A. (1998), “O Português em Angola: Reflexões”, in *VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua portuguesa* (vol.1 p.109-126), Macau: Centro Cultural da Universidade de Macau.
- Mingas, A. A. (2002), “Ensino da Língua Portuguesa no Contexto Angolano” in *Uma política de língua para o português*, Edições Colibri,45-50.
- Nagy, W (1988), *Teaching vocabulary to Improve Reading Comprehension*. Newark. Delaware. International Reading Association.
- Nzau, D. G. N. (2011), *A Língua Portuguesa em Angola. Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Tese de Doutoramento. Universidade da Beira Interior-Covilhã.
- Panzo, I. J. B. (2009), *A política Educativa Angolana face à heterogeneidade Cultural e Linguística- Considerações*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

- Pinto, C. F. (2012), *Sinonímia, Polissemia, Homonímia em Manuais, Gramáticas e Dicionários Escolares para o desenvolvimento da Competência Lexical*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa.
- Pottier, B. (1978), *Linguística Geral. Teoria e descrição*. (Tradução Portuguesa de Walmário Macedo). Presença Edições. Rio de Janeiro.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L. V. (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª Edição. Gradiva. Lisboa.
- Silva, V. M. de A. e (1977), *Competência Linguística e Competência Literária*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Silva, M. do C.V.da; Gonçalves, C. (2011), *Diversidade Linguística no sistema Educativo Português: Necessidades e práticas pedagógicas nos ensinios básico e secundário*. Edição de Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo intercultural. Lisboa.
- Sim-Sim, I. (1998), *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Sousa, M. J.; Baptista, C. S. (2011), *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. 4ª Edição. Lidel Edições técnicas, Lda. Lisboa.
- Ullmann, St. (1964), *Semântica. Uma introdução à Ciência do Significado*. 5ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. Tradução de J. Osório Mateus.
- Vilela, M. (1979), *Estruturas Lexicais do Português*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Vilela, M. (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*. Almedina. Coimbra. Almedina.
- Vilela, M. (1995a), *Léxico e Gramática*. Coimbra: Almedina.
- Vilela, M. (1995b), *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vygotsky, L.S. (2001), *Pensamento e Linguagem*. Brasil. Edição Eletrónica: Ed. Ridendo Castigat Mores.

4.1.2. Gramáticas

Azeredo, J.C. de (2012), *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. Publifolha. São Paulo. Redigida de acordo com a nova ortografia.

Barros, V.F. (2013), *Gramática da Língua Portuguesa 3º Ciclo e Secundário*. Âncora Editora 2ª Edição atualizada. Lisboa.

Bechara, E. (2009), *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª Edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro.

Cunha, C.; Cintra, L. (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 18ª Edição.

Mateus, Maria Helena Mira *et. al* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 5ª Edição Revista e aumentada.

Raposo, Eduardo Paiva (2013) *et. al. Gramática da Língua Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

4.1.3. Dicionários

Dubois, J. *et al* (1973), *Dictionaire de Linguistique*. Larousse. Paris.

Houaiss, A. Et. al. (2005), *Dicionário de Língua Portuguesa*. Global notícias.Temas e debates. Lisboa

Vilela, M. (1991), *Dicionário do Português Básico*. Porto. ASA Edições.

Xavier, M. F.; Mateus, M. H. (1990), *Dicionário de Termos Linguísticos* (Vol.I). Edições Cosmos. Lisboa.

Xavier, M. F.; Mateus, M. H. (1992), *Dicionário de Termos Linguísticos* (Vol.II). Edições Cosmos. Lisboa.

ANEXOS



Inquérito por Questionário- Professor

O presente questionário é anónimo, visa a coleta de dados da população em estudo, constituída por professores do Ensino primário, primeiro e segundo ciclos das escolas “ Bairro norte, Bairro sul, Recinto e Escola de Formação de Professores-Lunda-Norte/Angola” na sequência de um **trabalho de investigação, com vista a obtenção do grau de Mestre em Linguística- Curso de Ciências da Linguagem- na especialidade de Lexicologia e Lexicografia, na Universidade Nova de Lisboa/Portugal.**

Marque com x os espaços em branco, por favor responda a todas as perguntas.

Que classe leciona? 6ª Classe ☐ 7ª Classe ☐ 8ª Classe ☐ 9ª Classe ☐ 10ª Classe ☐ 11ª Classe ☐ 12ª Classe ☐ 13ª Classe ☐ e indique o seu nível académico _____

1.O que pode ajudar na aquisição e desenvolvimento da competência lexical dos seus alunos?

a) Leitura ☐ b) Escrita ☐ c) Ambas ☐

2. No programa da língua portuguesa da sua classe há conteúdo que tem que ver com o ensino e aprendizagem de léxico?

a) Sim ☐ b) não ☐

3. Como professor de língua portuguesa aprendeu uma metodologia específica para o ensino do português como:

a) Língua materna ☐ b) língua segunda ☐ c) Língua estrangeira ☐ d) não específica ☐

4) Que metodologia se ajustaria para o ensino do português em Angola, como:

a) Língua materna ☐ b) língua segunda ☐ c) língua estrangeira ☐ d) língua materna e língua segunda ☐

5. O que sugere para a melhoria da aquisição e desenvolvimento da competência lexical dos seus alunos

Muito obrigado!



Inquérito por Questionário- Aluno

O presente questionário é anónimo, visa a coleta de dados da população em estudo, constituída por alunos do Ensino primário e primeiro ciclo das escolas “Bairro norte, Bairro sul e Recinto-Lunda-norte/Angola” na sequência de um **trabalho de investigação, com vista a obtenção do grau de Mestre em Linguística- Curso de Ciências da Linguagem- na especialidade de Lexicologia e Lexicografia, na Universidade Nova de Lisboa/Portugal.**

Marca com x os espaços em branco, por favor responda a todas as perguntas.

Em que classe te encontras? 6ª Classe ☐

1.Qual é a tua língua materna?

a) Cokwe ☐ b) Português ☐ c) outra, qual? _____

2. Quantas vezes falaram sobre o léxico na aula de língua portuguesa?

a) Uma vez ☐ b) várias vezes ☐ c) nenhuma vez ☐

3. Do material didático abaixo qual é que o teu encarregado adquire quando inicia o ano letivo?

a) Gramática ☐ b) Manual de leitura c) Dicionário de língua portuguesa

4. Nas aulas de leitura e interpretação de texto, fazem a exploração vocabular?

a) sim ☐ b) não ☐

5. Usam dicionário para identificar sinónimos ou palavras difíceis?

a) Sim ☐ b) não ☐ a) às vezes ☐

6. Em que medida a leitura e a escrita te podem ajudar para conheceres palavras novas e te comunicar melhor?

a) Muito ☐ b) pouco ☐ c) não ajuda ☐

Muito obrigado!

Teste de avaliação do capital Lexical

1. Classe ☐ idade ☐ Lê com frequência? Sim ☐ Não ☐

2. Quantas vezes lê por semana?

Uma vez ☐ duas vezes ☐ mais de duas vezes ☐

Bateria A. Sinonímia

Assinala com x os sinónimos das seguintes palavras

1. Professor-----a) Criador, b) Educador, c) Mestre
2. Habilidade-----a) Destro, b) Capacitado, c) Desconhecido
3. Recente-----a) Novo, b) Acessível, c) Grande
4. Sábio-----a) Erudito, b) Que sabe muito c) Prudente
5. Perito-----a) Conhecedor, b) Capaz, c) Incapaz
6. Veloz-----a) Velho, b) Rápido, c) servo
7. Discreto-----a) Discrente, b) Reservado, c) Modesto

Bateria B. Homófonas

1. A nossa escola vai ser palco de um-----a) concerto, b) Concerto.
2. Todas as pautas da escola vão ser----- a) Celadas, b) Seladas.
3. No natal os meninos internados no hospital central do Dundo recebem uma-----
-----a) Sexta básica, b) Cesta básica.
4. As nossas mães----- à máquina os calções rasgados-----a) Cosem, b) cozem.
5. Angola organizou pela primeira vez, como País independente-----a) Senso, b) Censo.
6. O avô do João era (a) Servo, b) Cervo)-----de Deus.
7. Os automobilistas da cidade do Dundo não gostam de usar (a) Cinto, b) Sinto)-----de segurança.



À Direção da Escola de Formação de Professores/ Dundo

Assunto: Pedido de Autorização

João Muteteca Naege, Professor de Língua Portuguesa, encontrando-se a frequentar o Mestrado em Linguística- área de especialização em Lexicologia e Lexicografia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa-Portugal, e a elaborar a Dissertação de Mestrado, vem por este meio solicitar a V. Exa. a autorização para contactar professores de Língua Portuguesa (Segundo ciclo) para a realização de um estudo de investigação intitulado: “Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português L2. Especificidades do aluno angolano”

A dissertação tem como objetivo:

- i) Verificar se o aluno angolano que aprende o português L2, adquire e desenvolve a competência lexical;
- ii) Explicar a importância da aquisição da competência lexical no aproveitamento escolar do aluno angolano que aprende português L2;
- iii) Sugerir propostas que se adequem ao ensino do português língua segunda, que permitam aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno angolano, dadas as suas especificidades.

Pretende-se discutir qual é a metodologia adequada para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa em Angola, visando a Aquisição e Desenvolvimento da Competência Lexical na sua aprendizagem como L2.

Este estudo, modesta parte, é pertinente porque vai permitir fazer uma descrição da situação do ensino do português em Angola e, compreender as razões que estão na base da fraca competência lexical dos alunos do Ensino Primário, que se arrasta até aos Primeiro e Segundo ciclos, e compreender ainda que metodologia os professores adotam no ensino/aprendizagem do português.

O levantamento de dados far-se-á através de aplicação de dois inquéritos um para alunos e outro para professores.

Desde já, todos os dados recolhidos e analisados são confidenciais.

Atenciosamente

O investigador: João Muteteca Naege Lisboa, 02 de Junho de 2014



À Direção da Escola Primária e do Primeiro Ciclo “Recinto”/ Dundo

Assunto: Pedido de Autorização

João Muteteca Nauege, Professor de Língua Portuguesa, encontrando-se a frequentar o Mestrado em Linguística- área de especialização em Lexicologia e Lexicografia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa-Portugal, encontrando-se a elaborar a Dissertação de Mestrado, vem por este meio solicitar a V. Exa. a autorização para contactar professores de Língua Portuguesa (Ensino Primário e Primeiro ciclo) e alunos do (Ensino Primário e Primeiro ciclos) para a realização de um estudo de investigação intitulado: “Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português L2. Especificidades do aluno angolano”

A dissertação tem como objetivo:

- i) Verificar se o aluno angolano que aprende o português L2, adquire e desenvolve a competência lexical;
- ii) Explicar a importância da aquisição da competência lexical no aproveitamento escolar do aluno angolano que aprende português L2;
- iii) Sugerir propostas que se adequem ao ensino do português língua segunda, que permitam aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno angolano, dadas as suas especificidades.

Pretende-se discutir qual é a metodologia adequada para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa em Angola, visando a Aquisição e Desenvolvimento da Competência Lexical na sua aprendizagem como L2.

Este estudo, modesta parte, é pertinente porque nos vai permitir fazer uma descrição da situação do ensino do português em Angola e, compreender as razões que estão na base da fraca competência lexical dos alunos do Ensino Primário, que se arrasta até aos Primeiro e Segundo ciclos, e compreender ainda que metodologia os professores adotam no ensino/aprendizagem do português.

O levantamento de dados far-se-á através de aplicação de dois inquéritos um para alunos e outro para professores.

Desde já, todos os dados recolhidos e analisados são confidenciais.

Atenciosamente

O investigador: João Muteteca Nauege

PROGRAMA MELHORADO

DO

ENSINO PRIMÁRIO

6ª CLASSE

LÍNGUA PORTUGUESA

I – INTRODUÇÃO GERAL À DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO PRIMÁRIO

Ao entrar para a escola, a criança tem já determinados conhecimentos, adquiridos a partir das suas vivências no meio familiar e social.

A Lei de Bases define o Sistema de Educação como um conjunto de processos, princípios e modalidades através das quais se realiza a Educação.

Há, portanto, que se proceder à estruturação de um conjunto de aprendizagens atinentes ao alcance da formação harmoniosa e integral da personalidade do aluno, com vista à consolidação de uma sociedade próspera, livre e democrática.

A Língua Portuguesa é, em Angola, a língua oficial, de escolaridade e de comunicação nacional e internacional. É a língua veicular através da qual se emitem e recebem mensagens e a base para a aquisição de conhecimentos técnico-científicos, valores éticos, cívicos e culturais.

Sendo o ensino – aprendizagem realizado em Língua Portuguesa, ela torna-se um meio de apoio e de articulação entre todas as disciplinas, um instrumento de investigação social e científico e, a sua utilização correcta, permite o desenvolvimento do vocabulário e da compreensão oral e escrita.

A Língua Portuguesa não é, para a maioria das crianças Angolanas, a sua língua materna; daí o cuidado de, no Ensino Primário, se adoptarem métodos e técnicas eficazes, capazes de levar os alunos a efectuar pacífica e conscientemente a transição das aprendizagens da convivência do círculo familiar e social para a aprendizagem e conhecimento de conteúdos devidamente estruturados e ministrados nas instituições de ensino.

Esses conhecimentos permitirão que, as novas gerações sejam dotadas de um conhecimento lógico e uma aprendizagem progressiva da língua, condições necessárias para a resolução de questões próprias da vida individual e colectiva.

II – INTRODUÇÃO À DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA 6ª CLASSE

A disciplina de Língua Portuguesa faz parte do Currículo e do Plano de Estudos do Ensino Primário.

O ensino de Língua Portuguesa na 6ª classe deve centrar-se no desenvolvimento global dos conhecimentos a nível cognitivo, afectivo e social.

Como veículo e forma de cultura, a língua constitui um meio de acesso à informação e à formação escolar e extra – escolar.

O aluno da 6ª classe tem as suas características próprias e, segundo o seu nível de desenvolvimento psíco – físico – motor, deve apropriar-se de meios que o levem a atingir níveis mais elevados tanto no domínio linguístico, como no domínio cultural.

Na 6ª classe, o aluno possui já determinados conhecimentos, adquiridos nas classes anteriores e está, assim, em condições de encarar e ultrapassar uma série de mudanças e inovações na sua vida, face ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Confrontar-se-á com as disciplinas do ano anterior mas com um universo mais alargado e aprofundado de conteúdos e matérias programáticas.

O aluno da 6ª classe deverá, assim, desenvolver um domínio progressivo da língua conforme o grau de exigências da classe em que se encontra; deverá alargar também a sua capacidade de resposta bem como o seu nível de desenvolvimento intelectual.

O professor deverá cuidar para que, tanto a nível da compreensão e expressão oral como a nível da leitura e da escrita, o aluno se aperfeiçoe a cada dia, tendo em conta a interdisciplinaridade através da qual as várias disciplinas se relacionam, apresentando conceitos que se complementam.

A aprendizagem, de qualquer disciplina passa pelo domínio e aperfeiçoamento da Língua Portuguesa, daí que, um trabalho articulado entre todas, contribuirá, de forma decisiva, para o sucesso escolar do aluno e propiciará grandemente a formação e o desenvolvimento da sua personalidade.

O domínio da língua faz-se através de textos. Assim, no desenvolvimento dos temas, devem tomar-se como conteúdos essenciais nas áreas do ouvir, falar, ler e escrever, várias tipologias textuais bem como o estudo evolutivo do funcionamento da língua.

Deverá proceder-se a uma avaliação contínua e perspectiva a nível dos vários domínios, nomeadamente, recepção e compreensão, apresentação e produção, expressão oral e escrita; essa avaliação deverá fazer parte integrante de cada conteúdo nuclear.

III – OBJECTIVOS GERAIS DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO PRIMÁRIO

No âmbito da Reforma Educativa, alargou-se o Ensino Primário para seis classes; assim, a disciplina de Língua Portuguesa neste nível deve proporcionar ao aluno os meios necessários tendentes a atingir os objectivos preconizados tanto a nível linguístico como a nível pessoal, social e cultural, nomeadamente:

- . Conhecer as características principais da Língua como meio de comunicação interpessoal e objecto de estudo;
- . Compreender a estrutura e o funcionamento da Língua em situações de uso;
- . Aplicar os métodos de trabalho e de pesquisa, recolha, organização e progressão para a aprendizagem dos conteúdos linguísticos e comunicativos programados;

IV – OBJECTIVOS GERAIS DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA 6ª CLASSE

Nesta classe, pretende-se alcançar os seguintes objectivos:

- . Conhecer a Língua nas suas variantes oral e escrita;
- . Aplicar a Língua na comunicação e expressão oral e escrita;
- . Conhecer os princípios e procedimentos linguísticos e comunicativos relativos à oralidade, à leitura e à escrita;
- . Analisar os aspectos ligados à Língua Portuguesa, utilizando-os como base de aquisição de conhecimentos dos conteúdos de outras disciplinas;
- . Compreender a estrutura do funcionamento da língua com base nos textos.
- . Analisar os procedimentos a utilizar relativamente à comunicação e expressão oral e escrita;
- . Conhecer a cultura nacional e outras realidades culturais veiculadas por textos em Língua Portuguesa.

V – ORGANIZAÇÃO GERAL DOS CONTEÚDOS

Os conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa na 6ª classe, encontram-se organizados e distribuídos por oito (8) grandes temas, nomeadamente:

- 1º - A Escola**
- 2º - Inventos**
- 3º - Indústria**
- 4º - O Trabalho**
- 5º - Fauna e Flora**
- 6º - Cultura e Turismo Nacional**
- 7º - Poesia de Angola**
- 8º - Contos Populares**

Estes temas visam uma apropriação de conhecimentos, valores, costumes e interesses que contribuam para a aprendizagem da Língua Portuguesa; visam também o desenvolvimento da cultura geral do aluno e reforçam os conhecimentos veiculados pelas outras disciplinas.

A distribuição dos temas obedece a critérios e interesses adequados ao nível de escolaridade e à faixa etária dos alunos bem como às realidades que lhes são próximas ou distantes.

Os textos que incluem os temas, abordam assuntos a eles referentes, que contribuirão sobremaneira para o desenvolvimento da competência e consciência linguística dos alunos.

A maioria dos textos contém exercícios de vocabulário, de interpretação, de gramática e outros; no fim do Manual do Aluno existe um “Bloco Gramatical” com os conteúdos gramaticais programados para esta classe, onde, professor e alunos, podem encontrar as matérias a ministrar, ao longo dos textos a trabalhar.

Os grandes temas contêm os seus respectivos objectivos específicos, nomeadamente:

. Tema 1º - A Escola – Objectivos Específicos

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- Reconhecer o valor e a utilidade escola;
- Desenvolver a criatividade, a solidariedade, a camaradagem, o respeito e o espírito de ajuda mútua;
- Verificar os conhecimentos adquiridos nas classes anteriores relativamente à expressão oral e escrita, à análise, à síntese e ao funcionamento da língua;
- Desenvolver a fluidez oral e escrita para comunicar, estruturar e apresentar ideias de forma clara e concisa;
- Contrastar conhecimentos e experiências;
- Aplicar com precisão o vocabulário adequado e que mais se ajuste a cada situação;

Dever-se-á ter também em conta neste tema a aquisição de hábitos de limpeza e asseio, pessoal, do material e local; a utilização do diálogo no desenvolvimento da oralidade, deve ser também factor importante.

. TEMA 2º - INVENTOS-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Identificar algumas descobertas actuais levadas a cabo por homens estudiosos e de ciência;
- . Distinguir a evolução das invenções e os procedimentos dos diferentes inventores;
- . Emitir juízo crítico sobre as vantagens e desvantagens (na invenção e utilização) de alguns instrumentos e técnicas utilizadas ao longo dos tempos.
- . Valorizar o esforço desenvolvido por alguns homens e mulheres para conseguir determinadas realizações.
- . Verificar os conhecimentos adquiridos nas classes anteriores relativamente à expressão oral e escrita, à análise, à síntese e ao funcionamento da língua.

TEMA 3º - INDÚSTRIA-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Conhecer as riquezas do nosso país e do mundo;
- . Reconhecer o valor e a utilidade das várias indústrias no país e no mundo;
- . Distinguir a realidade industrial nos seus aspectos mais variados;
- . Relacionar os vários tipos de indústria;
- . Aplicar correctamente o vocabulário e as regras ortográficas em qualquer aspecto da vida escolar;
- . Produzir de forma clara e ordenada qualquer trabalho prático ou teórico;
- . Propor debates para contrastar opiniões e pontos de vista;

TEMA 4º - O TRABALHO-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Reconhecer a importância de todas as profissões;
- . Valorizar todas as profissões e outras formas de trabalho;
- . Demonstrar uma atenção responsável em todas as actividades pessoais, escolares e sociais;
- . Demonstrar predisposição para a elaboração de tarefas que impliquem responsabilidade;
- . Produzir pequenos trabalhos e seus respectivos materiais, recorrendo a todo o tipo de meios;
- . Desenvolver a fluidez oral e escrita para comunicar, estruturar e apresentar ideias de forma clara e concisa;
- . Aplicar com precisão o vocabulário adequado que mais se ajuste a cada situação;

TEMA 5º - FAUNA E FLORA-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Distinguir fauna e flora;

- . Reconhecer as variadas espécies que constituem a fauna do país e de outras regiões e sua importância;
- . Relacionar a fauna e a flora com o turismo e a riqueza nacional;
- . Reconhecer as características de alguns animais que constituem a flora angolana;
- . Reconhecer as características de algumas plantas, algumas delas únicas no nosso país e que constituem a flora angolana;
- . Reconhecer a importância da preservação das espécies para o equilíbrio ambiental e do ecossistema;
- . Aplicar métodos de conservação da natureza e da não poluição do ambiente;
- . Reconhecer a importância da arborização para a melhoria ambiental;

TEMA 6º - CULTURA E TURISMO NACIONAL-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Reconhecer aspectos relativos à cultura das várias regiões do país (hábitos e costumes, tradições, trajes, alimentação básica);
- . Reconhecer a realidade dos povos de Angola através de contos, da arte, das danças e outras manifestações culturais;
- . Reconhecer os recantos turísticos do país e as espécies raras e existentes;
- . Distinguir as belas paisagens do país: rios, lagos, barragens, quedas de água, serras, chanas, praias, cascatas e outros;
- . Reconhecer e respeitar as distintas formas de pensamento e modos de vida de pessoas e povos;
- . Reconhecer e respeitar as distintas formas de pensamento e modos de vida de pessoas e povos;
- . Relacionar-se produtivamente para levar a cabo uma troca eficaz de ideias, formas de trabalho e manifestações artísticas e culturais;
- . Resumir qualquer tipo de texto retirando as ideias principais;
- . Desenvolver as ideias principais do texto de forma clara e concisa;

TEMA 7º - POESIA DE ANGOLA-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Desenvolver capacidades de memorização e recitação de poemas;
- . Distinguir poema, verso, estrofe e rima;
- . Compreender os vários componentes do texto poético;
- . Demonstrar criatividade e originalidade relativamente ao texto poético;
- . Desenvolver a imaginação criadora;
- . Vocalizar com precisão para levar a cabo uma boa expressão e comunicação;
- . Desenvolver a fluidez oral e recitar de forma clara e correcta um poema;
- . Aplicar a entoação própria para cada verso e estrofe;

TEMA 8º - CONTOS POPULARES-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Neste tema, pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- . Reconhecer lendas e contos populares de autores angolanos e outros;
- . Interpretar de maneira eficaz e positiva os contos lidos;
- . Criar outros contos;
- . Recontar contos e lendas lidas e ouvidas;
- . Improvisar finais de contos iniciados;
- . Reconhecer no conto o título, o autor, o narrador, as personagens, o lugar e o tempo;
- . Desenvolver a fluidez oral e escrita para apresentar ideias e conhecimentos de forma clara;
- . Aplicar o vocabulário adequado e com precisão que se ajuste a este tipo de texto;
- . Aplicar com correcção as regras ortográficas;

VI – SUGESTÕES METODOLÓGICAS

Na progressão dos conteúdos programáticos e dos conhecimentos a adquirir nesta classe, deve-se ter em conta o desenvolvimento psíquico da criança desta faixa etária, as suas motivações e as exigências da formação de uma personalidade integral. Devem

introduzir-se novos vocábulos a partir dos textos, tanto no concernente à oralidade como na escrita.

O estudo do vocabulário será feito numa perspectiva de aquisição e alargamento de termos que pertençam ao tema abordado devendo-se, para o efeito, utilizar o dicionário para o conhecimento dos respectivos sinónimos. Os textos com palavras de difícil compreensão têm, no fim, o vocabulário, com os sinónimos das respectivas palavras.

O estudo da gramática ou funcionamento da língua deve ser feito de forma estruturada; os conteúdos gramaticais não devem ser apreendidos senão em contexto, apesar de serem ministrados já de forma explícita; devem ser acompanhados de exercícios de aplicação orais e escritos, muitos deles, constantes do Manual do Aluno; assim, os alunos dominarão progressivamente as estruturas fundamentais da língua. Os conteúdos gramaticais programados para esta classe estão inseridos nos exercícios apresentados nos textos.

O “ Bloco Gramatical “ do fim do Manual do Aluno ajudará na compreensão e resolução desses exercícios e no conhecimento e estudo das restantes matérias do programa.

De uma maneira geral, os diferentes tipos de textos do Manual do Aluno contemplam os grandes temas programados para esta classe, abordando aspectos da vida social, cultural, ambiental, da nossa e de outras regiões, com vista a preparar os alunos para a vida adulta e para a vida em sociedade.

SOBRE O TEMA 1º - A ESCOLA

Este tema abarca textos que elucidam o aluno sobre questões e aspectos ligados à vida escolar; os textos funcionam como incentivo para o amor à escola, o respeito ao professor ou à professora, à boa coordenação entre todas as disciplinas, Ao respeito e à amizade para com os colegas, ao espírito de camaradagem e entreajuda, à predisposição para as campanhas de limpeza e embelezamento da escola e outros.

Este período da vida do aluno é de vital importância por incluir a fase de adaptação ao novo ano lectivo, à classe e à escola. Necessário se torna, portanto, toda a atenção por parte dos/as professores/as, para que se alcancem e se façam cumprir todos os objectivos preconizados.

Os/as professores/as devem pôr em prática toda a sua inteligência e capacidade para levar o aluno a criar interesses e vontade de aprender e participar em todas as actividades escolares. Devem adoptar metodologias activas e participativas que proporcionem ao aluno o alargamento, aperfeiçoamento e domínio dos conteúdos desta classe.

Neste tema, a atenção deverá também estar voltada para a criação de hábitos de asseio e limpeza do material escolar nomeadamente livros, cadernos e outros, utilizados pelos alunos.

As atitudes e o comportamento perante os/as professores/as, e a escola devem ser os melhores para que, de facto, se consiga uma relação harmoniosa entre os aspectos social, cultural, ético e linguístico.

Devem-se introduzir novos vocábulos a partir da análise e interpretação de textos do Manual e outros, tanto de forma oral como de forma escrita; deve-se utilizar o dicionário para se encontrar sinónimos de palavras desconhecidas.

O funcionamento da língua deve ser apreendido de forma estruturada, pelos alunos, de forma explícita mas sempre em contexto, seguidos de exercícios de aplicação orais e escritos; assim, os alunos conseguirão o domínio das estruturas fundamentais da língua.

SOBRE O TEMA 2º - INVENTOS

Este tema contempla variados textos que vão ajudar o aluno a compreender as várias temáticas a ele relacionados; os textos constituem um auxiliar eficaz para a tomada de consciência sobre as grandes invenções e descobertas realizadas ao longo dos tempos até aos nossos dias, saber das vantagens e desvantagens das mesmas. O aluno vai poder distinguir o processo evolutivo das invenções, os procedimentos utilizados por cada um dos inventores, as dificuldades que encontraram para obterem elementos e produtos para benefício da humanidade. Isto vai facilitar o desenvolvimento do juízo crítico do aluno sobre as descobertas e as invenções e sobre a importância e utilização de certos instrumentos e técnicas, ao longo dos tempos.

Neste tema, é importante que o aluno adquira hábito de valorizar o esforço e a coragem desenvolvidos por alguns homens e mulheres, no sentido de conseguirem determinadas realizações; deverá conhecer também o nome de inventores e suas respectivas invenções.

Quanto aos conhecimentos adquiridos nas classes anteriores, no que respeita à compreensão, à expressão e ao funcionamento da língua, dever-se-ão realizar vários exercícios orais e escritos, para um melhor aperfeiçoamento na utilização da Língua Portuguesa.

Pode-se inculcar no aluno hábitos como o de coleccionar selos ou outros utensílios e materiais que se prestem para o efeito. Como exercícios, podem-se redigir cartas, bilhetes e outras mensagens; pode-se também visitar a emissora de rádio local, a sede da televisão, um posto ou centro de vacinação, para se receber explicações dos técnicos ligados às áreas, sobre o funcionamento desses sectores.

Levar os alunos a utilizar com correcção o vocabulário ligado às palavras e expressões dos textos deste tema e a aplicar as regras gramaticais e ortográficas estudadas.

SOBRE O TEMA 3º - INDÚSTRIA

Este tema inclui textos que possibilitarão ao aluno o conhecimento das várias fontes de riqueza existentes no país e no mundo e a sua transformação em benefício da humanidade; através dos textos será também possível reconhecer o valor e a utilidade

desses produtos, antes e depois de serem transformados. Deve-se observar os diferentes aspectos industriais e relacioná-los com os vários tipos de indústria existentes no país; dever-se-á valorizar o trabalho do campo pois, a partir dos produtos do campo se movimentam as grandes indústrias, as indústrias transformadoras. Pode-se falar da transformação do petróleo bruto extraído das profundezas da terra para a gasolina, o gás, o gasóleo, produtos

que tanta falta fazem ao homem no seu dia a dia ; pode-se citar a importância da transformação do algodão para o pano ou o tecido que todo o mundo utiliza para fazer peças do vestuário e outras; da passagem da planta do girassol para o óleo alimentar utilizado para se cozinhareem os alimentos; a transformação dos bagos extraídos da planta do café para o saboroso e bem cheiroso café para o matabicho das famílias; a passagem dos troncos da cana-de-açúcar para o importantíssimo açúcar que adoça o chá, o café, os bolos e outros alimentos, e de outros produtos transformados pelas indústrias.

O aluno deve utilizar com correcção o vocabulário ligado às palavras e expressões dos textos, relativa ao tema; deve aplicar as regras gramaticais e ortográficas com correcção. Apresenta de forma clara e ordenada os resumos, relatórios ou outros trabalhos, resultantes das visitas de estudo às fábricas e outros locais de interesse.

SOBRE O TEMA 4º - O TRABALHO

Este tema abarca textos que ajudam o aluno a conhecer as várias profissões, a sua importância e utilidade e as mudanças e transformações que as mesmas causam ao homem e á sociedade desde que seja feito com amor, vontade e responsabilidade. Pode-se também incutir no aluno o respeito por toda e qualquer profissão, valorizando o trabalho feito pelos outros, tendo em conta que todas elas são importantes e necessárias para o desenvolvimento da sociedade. Partindo do princípio de que é trabalhando que o homem se torna honrado e respeitado, todo o homem saudável e consciente deve exercer uma profissão.

Deve-se chamar a atenção do aluno para o conhecimento da relação existente entre as profissões antigas, as mais recentes e as modernas e actuais, entre o trabalho do campo e o da cidade e os instrumentos utilizados nas várias profissões.

Quanto à aquisição dos conhecimentos relativos aos conteúdos programáticos, deve-se proceder à introdução de novas palavras e expressões a partir da análise e exploração vocabular dos textos deste tema; a utilização do dicionário deve ser constante para se encontrarem sinónimos de palavras desconhecidas dos alunos, para a resolução dos exercícios presentes no Manual do Aluno que irão ajudar sobremaneira na interpretação ou compreensão do texto, na ortografia, na redacção e no funcionamento da língua.

SOBRE O TEMA 5º - FAUNA E FLORA

Este tema abarca textos com aspectos relacionados à fauna e à flora do nosso país; o aluno vai ter a oportunidade de conhecer a diversidade da fauna e da flora existentes em Angola; conhecer os locais reservados à protecção das espécies raras bem como as potencialidades agrícolas, a produtividade dos solos e a criação e conservação das

espécies raras da nossa flora. Pode-se situar algumas espécies animais e vegetais em relação às suas respectivas províncias.

Conhecer a especificidade das diversas províncias no que concerne às suas reservas animais e vegetais e o seu potencial animal e agrícola é importante, assim como a localização dos diversos parques nacionais. Pode-se falar da Palanca Negra Gigante, da Welwitschia Mirabilis – espécies únicas no mundo inteiro e do seu historial.

Os textos devem ser devidamente explorados com informações complementares para satisfação da curiosidade das crianças desta classe, apelando ao carinho que se deve dedicar às plantas e aos animais e também, com o intuito de incutir nelas o sentido da conservação e preservação do meio ambiente e das espécies. Assim, o aluno terá conhecimentos precisos sobre a importância e a necessidade da protecção feita às espécies raras; poderá também fazer o estudo comparativo de alguns animais no que concerne à sua alimentação, tipo de vida e de habitação e outros aspectos.

Poder-se-á efectuar visitas de estudo aos museus, parques e reservas., jardins zoológicos, quintas, pomares.

Devem elaborar-se correctamente os exercícios de vocabulário, de interpretação e de gramática sugeridos ao longo dos textos deste tema.

SOBRE O TEMA 6º - POESIA DE ANGOLA

Este tema abarca textos poéticos (poesia) de alguns poetas angolanos ou escritores angolanos de poesia; um dos objectivos deste tema é o de se dar a conhecer ao aluno o trabalho de alguns angolanos no âmbito da poesia.

A poesia ou texto poético é uma obra de arte literária escrita em versos numa determinada época da vida do autor. A poesia desperta, geralmente, a quem a lê, o sentido do belo, do sonho imaginário, da imprecisão, da estética, do irreal.

Para este tipo de textos, os alunos devem conhecer os seus elementos e a sua constituição e, organizados em grupos de quatro ou cinco, podem:

- Ler o poema todo, todos juntos (em coro), após terem-no copiado numa folha de papel;
- Ler o poema por estrofes, onde cada um lê uma estrofe, conforme o número de estrofes que tiver o poema;
- Ler o poema verso a verso, onde cada um lê um verso e no fim, recitam todos a estrofe inteira;
- Recitar alguns poemas que se prestam para o efeito, com movimentos de mãos, braços, corpo, ou musicados, com várias vozes;
- Criar, escrever e declamar poemas;

Outro objectivo deste tema é o de criar nos alunos o gosto pela poesia; eles devem ser incentivados e persuadidos a produzir pequenos textos poéticos, declamando-os em seguida.

Deve-se dar a conhecer aos alunos de forma simples, os conceitos e a classificação de versos, estrofes e urinas, exemplificando-os.

Devem elaborar-se correctamente exercícios de vocabulário, de interpretação e de gramática sugeridos nos textos deste tema.

SOBRE O TEMA 7º - CULTURA E TURISMO NACIONAL

Este tema abarca textos que focam aspectos variados relacionados com a cultura e o turismo do nosso país; dos diferentes assuntos, os textos abordam as belezas naturais de Angola, as paisagens maravilhosas e históricas, as riquezas naturais, vegetais e minerais do país; abordam também aspectos relacionados às várias regiões etno – linguísticas e seus respectivos hábitos e costumes nomeadamente as danças, as músicas, a alimentação, o vestuário, a arte, a língua e outros.

O aluno deverá conhecer aspectos como as Pedras Negras de Pungo Andongo e as Quedas de Kalandula, a Palanca Negra Gigante na província de Malange, a Serra da Leba e a Fenda da Tundavala, na província da Huíla, a Welwitchia Mirabilis e o deserto, na província do Namibe, rios, lagos, barragens e outros locais.

Caso seja possível, podem organizar-se passeios e excursões a alguns destes locais para conhecimento directo dessas realidades. Podem realizar-se visitas a mercados ou exposições de artesanato, a aldeias e embalas com características únicas e raras de determinada região.

Podem assinalar-se no mapa de Angola, para conhecimento dos alunos, os variados grupos etnolinguísticos e seus valores culturais bem como a língua nacional, a alimentação predominante, a forma de vestir e outros aspectos; estes elementos estão incluídos nos textos deste tema.

Devem-se elaborar-se exercícios, tanto os sugeridos ao longo dos textos do tema como outros que o professor achar convenientes, relativamente ao vocabulário, à interpretação e à gramática.

SOBRE O TEMA 8º - CONTOS POPULARES

Este tema contém essencialmente contos, histórias e lendas das várias regiões do nosso país. Poder-se-ão conhecer também obras de alguns dos nossos escritores infanto - juvenis. Deve-se elevar os alunos a criar interesse, a partir desses contos, pelas histórias e História dos nossos antepassados e dos usos e costumes de determinadas áreas do território angolano.

O tema abarca narrações bonitas e interessantes, umas reais outras criadas.

Poder-se-á aproveitar a criatividade e o espírito de iniciativa de alguns alunos para os persuadir e incentivar para a criação, escrita e apresentação de pequenos contos, fábulas ou narrações.

Deve-se entretanto, dar-lhe a conhecer os passos que geralmente se utilizam para se escrever uma história ou um conto, bem como os elementos que os compõem, nomeadamente: o título do conto ou narração, o narrador do conto que pode não ser o autor da história, as personagens que participam da história ou conto, o lugar ou espaço onde decorre a história e o tempo, momento em que a história ocorre.

Um conto ou uma história deve conter:

- A introdução ou parte inicial com:
 - . personagem ou personagens existentes;
 - . lugar o acontecimento;
 - . quando se passa o ou os acontecimentos: de dia, de noite, de manhã, com sol, com chuva...
- O desenvolvimento ou o desenrolar do ou dos acontecimentos
- A conclusão ou o final da história ou do conto.

Como exercícios, para além dos sugeridos ao longo dos textos do tema, pode-se levar os alunos a criar e produzir pequenos contos ou histórias já conhecidas ou inventadas por eles.

Deve velar-se para a aplicação correcta do vocabulário, das regras ortográficas e gramaticais, durante a execução das tarefas.

VII – A AVALIAÇÃO

No decorrer do período lectivo, o professor deve ter em conta os vários tipos de avaliação, a saber:

- a **avaliação diagnóstica**, que leva à percepção do nível de conhecimentos, habilidades e aptidões dos alunos e do grau de compreensão e apresentação dos conteúdos, revelados através do comportamento, atitudes e outros elementos de ordem psíquica, física, emocional, ambiental e social e perante situações concretas.
- a **avaliação formativa**, que se baseia na auto-avaliação e na auto-correcção, através da detecção das fragilidades e obstáculos relativamente à expressão oral e escrita; a sua superação atempada deve ser levada a cabo tanto pelo professor como pelos próprios alunos. Deve-se ter em conta também a progressão da aprendizagem dos conteúdos podendo o professor manter ou reformular as suas estratégias de trabalho e metodologias de ensino.

Para que este tipo de avaliação seja de facto formativa, necessário se torna, levar os alunos a reflectir sobre os processos de trabalho e os resultados obtidos em relação aos objectivos iniciais; o professor, como interveniente no processo, não só deve avaliar os alunos como proceder à apreciação do seu próprio trabalho.

- a **avaliação sumativa**, que determina em que medida é que os objectivos definidos foram alcançados e os conteúdos apreendidos. Este tipo de avaliação leva à decisão da atribuição, pelo professor, de uma nota ou classificação ao aluno. Deve-se ter em conta, aqui, a apreciação das quatro competências a nível da Língua Portuguesa, nomeadamente, a compreensão oral, a expressão oral, a compreensão escrita e a expressão escrita.

Apreciação das quatro competências a nível da Língua Portuguesa, nomeadamente, a compreensão oral, a expressão oral, a compreensão escrita e a expressão escrita.

Avaliar é diferente de classificar; assim, para a classificação, traduz-se a informação dada pela avaliação com uma escala de valores quantitativa – em números – de 0 a 2º valores ou qualitativa - Mau, Medíocre, Suficiente, Bom, Muito Bom, decidindo-se o aproveitamento do aluno em relação à sua passagem de ano ou reprovação.

CONTEÚDOS GRAMATICAIS PROGRAMADOS

1 – Sinais de Pontuação

2 – O til, a cedilha, o hífen

3 – Os acentos gráficos

- Algumas regras de acentuação

4 – Parágrafo/ Período/ Palavra

5 – A Sílabas

- Classificação das palavras quanto ao número de sílabas
- Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónico
- A translineação

6 – Tipos de frases

7 – A frase simples/ A frase complexa

- A oração
- Elementos essenciais e acessórios da oração

- Os complementos

8 – Palavras Variáveis e Invariáveis

- O nome ou substantivo
- O objectivo
- O pronome
- O numeral
- O verbo
- Tipos de conjugação
- Verbos regulares e irregulares
- Formas especiais de conjugação
- O advérbio
- A preposição
- Contracções de preposição
- A conjunção
- A interjeição

9 – Formação de palavras

- Palavras primitivas
- Processos de formação de palavras
 - A derivação
 - A composição

10 – Relações entre as palavras

- Relações de sentido e forma entre as palavras.

11 – Discurso Directo e Indirecto

VIII – BIBLIOGRAFIA

2 – Costa, M. José e Traça, M. Emília, s/d. **Na Companhia de Letras** – Porto Editora, Porto.

1 – Costa, Fernanda, Mendonça, Luísa e de Castro, Rogério, s/d, **Caminhos 6º** Porto Editora, Porto.

5 – Programa de Ensino Primário, 1995, INIDE

3 – Lopes, Maria do Céu Vieira e Costa, Maria Manuela Trindade, 2002, **Gramática da Língua Portuguesa**. Plátano Editora, Lisboa.

6 – Reigota, Fernanda e Silva, Margarida. S/d, **Prática e Aprende 1 e 2**, Porto Editora, Porto.

4 – Palma, Georgina e Lapa Manuela, s/d, **Palavra Chave 5º e 6º anos**. Texto Editora, Lisboa.

Módulo	Metodologias	ATIVIDADES DO PROFESSOR	ATIVIDADES DO ALUNO
Atividade	<p>Atividade 1) O professor coloca perguntas orais relacionadas com o texto "Kibala, o Rei Leão"</p>	<p>O professor pergunta:</p> <p>Compare as palavras sublinhadas nas seguintes frases:</p> <p>1) O Rei só se senta <u>beliz</u> quando sabia o Povo <u>infeliz</u>.</p> <p>2) Quando não conseguia <u>dormir</u>, berrava berrava até <u>acordar</u> todos os animais.</p> <p>3) À sua <u>aproximação</u>, todos os Animais fugiram.</p> <p>a) ... e trabalho nocturno de vários chefes de famílias <u>das redondezas</u>.</p> <p>O professor escreve a matéria no quadro, explicando resumidamente.</p> <p>Resumo:</p> <p>As palavras feliz/infeliz, dormir/acordar têm significados opostos. As palavras Antónimos.</p> <p>As palavras aproximação/redondezas têm um significado equivalente - são palavras sinónimas.</p> <p>Na Sala de Aula</p> <p>1) Escreve os Antónimos e Sinónimos das seguintes palavras: "lindo" e "escuro".</p>	<p>Os alunos respondem oralmente às perguntas.</p> <p>Os alunos ficam atentos à explicação do professor.</p> <p>Os alunos transcrevem a matéria.</p>
Aplicação e Avaliação	<p>15 min.</p> <p>5) O professor coloca um exercício para consolidar os conhecimentos e desenvolver as competências intelectuais no aluno.</p>	<p>Em Casa</p> <p>1) Le o texto "Kibala, o Rei Leão" e anota dum lado os Sinónimos e do outro, os Antónimos.</p>	<p>Os alunos fazem o exercício.</p> <p>Os alunos escrevem a tarefa no caderno.</p>
Tarefa	<p>6) O professor marca a tarefa.</p>		

Atividade	Duração	Objetivos Pedagógicos	Atividades do Professor	Atividades do Aluno
Aplicação e Avaliação	70 min.	a) O professor coloca perguntas orais relacionadas com o texto "Kibala, o Rei Leão"	<p>O professor pergunta:</p> <p>Compare as palavras sublinhadas nas seguintes frases:</p> <p>1) O Rei só se sentia feliz quando sabia o Povo infeliz.</p> <p>2) Quando não conseguia dormir, berrava até acordar todos os animais.</p> <p>3) À sua aproximação, todos os Animais fugiram.</p> <p>4) ... e trabalho nocturno de vários chefes de famílias das redondezas.</p> <p>O professor escreve a matéria no quadro, explicando resumidamente.</p> <p>Resumo:</p> <p>As palavras feliz/infeliz, dormir/acordar têm significados opostos - são palavras Antónimos.</p> <p>As palavras aproximação/redondezas têm um significado equivalente - são palavras sinónimas.</p>	<p>Os alunos respondem oralmente às perguntas.</p>
		4) Resumo da matéria.		<p>Os alunos ficam atentos à explicação do professor.</p> <p>Os alunos transcrevem a matéria.</p>
Aplicação e Avaliação	15 min.	5) O professor coloca um exercício para consolidar os conhecimentos e desenvolver as competências intelectuais no aluno.	<p>Na Sala de Aula</p> <p>1) Escreve os Antónimos e Sinónimos das seguintes palavras: "Linda" e "Escuro".</p>	Os alunos fazem o exercício.
Tarefa		6) O professor marca a tarefa.	<p>Em Casa</p> <p>1) Lê o texto "Kibala, o Rei Leão" e anota dum lado os Sinónimos e de outro, os Antónimos.</p>	Os alunos escrevem a tarefa no caderno.

Ficha Pedagógica

Disciplina: Língua Portuguesa

Classe: 6ª

Tempo: 2

Aula: 127 e 128

Tema: OS CONTO POPULARES

Fonte: "Kobelo, o Relicário" (pág. 135)

Assunto: Os Autores e os Síndromas

Material Didático: Manual de Língua Portuguesa, Gramática, Ortografia, Clássico, etc. e Apagador

Objetivos: No fim da aula, o aluno deve ser capaz de: < Identificar o Relicário entre Filver, Síndromas e Antônimas

Metodologia: Expositivo, Explicativo, Participativo ou Ativo

FASES DIDÁTICAS	TEMPO (MIN)	PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS	ATIVIDADES DO PROFESSOR	ATIVIDADES DO ALUNO
Introdução	5 min	1) O professor saudar os alunos, pedir a turma e fazer perguntas sobre a aula passada. 2) O professor escreve o sumário no quadro.	Depois da saudação aos alunos, o professor pede e corrige a tarefa e coloca perguntas sobre a aula passada.	Os alunos respondem à saudação do professor, entregam a tarefa e respondem às perguntas feitas pelo professor. Os alunos copiam o sumário.



O meu dicionário



Este dicionário, que me metia medo por causa da sua grossura, é talvez de todos os meus livros aquele que consulto com mais prazer. Sem dúvida, é-me útil para os meus ditados, pois é ele que me mostra a ortografia correcta das palavras que eu não conheço ou que conheço mal; é para mim um amigo que gosto de consultar. Os meus dedos e os meus olhos passeiam nele. Às vezes, abro as suas páginas ao acaso e paro em alguns dos seus desenhos, os quais procuro para a explicação no texto. É desta forma que me torno mais sábio, mais rico em ideias e em palavras, sem esquecer que conhecer uma palavra é saber o que ela significa, como a pronunciamos e como a escrevemos.

P. Crouzet e P. Rouaix, *Gramática Elementar*,
H. Didier, édit. (traduzido e adaptado)

Estudo do Texto

Sabes, com certeza, que o dicionário é um livro que contém as palavras de uma língua, explicando o seu significado.

Para ser mais fácil procurá-las, as palavras estão organizadas por ordem alfabética (já estudaste o alfabeto nas classes anteriores).

1. Coloca por ordem alfabética os seguintes substantivos próprios:

Missanga, Rui, Ana, Cassinda, Divua, Tuluca, José.

2. Ordena, agora, estes substantivos próprios, tendo em conta a segunda letra:

António, Augusto, Aida, Arminda, Abel, Álvaro, Acácio.

● Cada língua tem o seu dicionário:

Nenhum dicionário tem todas as palavras de uma língua. Mas, por exemplo, não encontras a palavra «metia» (porque os verbos só aparecem no infinitivo, neste caso «meter»).

A televisão

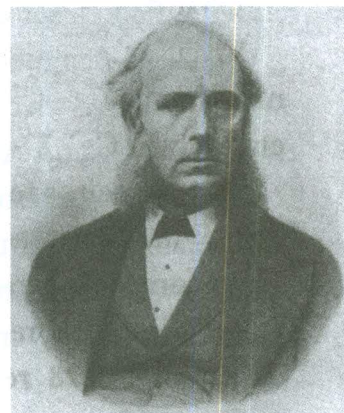
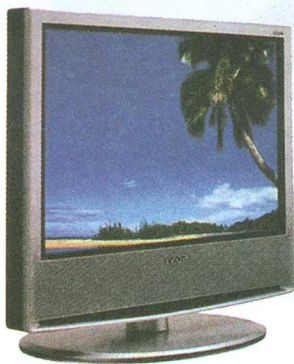


A invenção da televisão não foi tarefa individual. Foi resultante das pesquisas e descobertas de cientistas de diversas partes do mundo. Contudo, vale a pena assinalar que uma das primeiras contribuições para a invenção da televisão foi a experiência do inglês Willoughby Smith, que, em 1873, provou a possibilidade de se transmitirem imagens mediante impulsos eléctricos.

A televisão é o mais recente e o mais maravilhoso e moderno meio de comunicação. John Logie

Baird teve também bastante importância neste campo quando, em 1922, se dedicou de corpo e alma ao problema da televisão. Os seus primeiros aparelhos eram compostos de caixas de madeira, caixas de bolachas e material em segunda mão.

Uma comissão de peritos considerou a invenção muito importante e foi constituída uma sociedade para explorar o seu sistema. Em 1929, a BBC iniciou algumas transmissões experimentais com o sistema Baird. Estava, assim, aberto o caminho que conduziria à realização da televisão.



Extracto de: Amadeo Gigli,
A História do Homem a Caminho da Civilização

A lição de hoje fala-nos de mais uma invenção. Vais saber como surgiu e quem foram os homens que contribuíram para esse invento.

Vocabulário

Peritos – conhecedores do assunto

Estudo do Texto

1. Por que se diz que a invenção da televisão não é um trabalho individual?
2. Qual foi a contribuição prestada pelo inglês Willoughby Smith?
3. De que material era feita a televisão mais recente?
4. Escreve uma frase com o plural dos seguintes adjectivos:
 - maravilhoso
 - moderno
5. Forma adjectivos a partir dos seguintes nomes:
 - **pesquisa, maravilha, importância.**
6. Escreve uma frase com o feminino dos seguintes adjectivos:
 - discreto *
 - comilão
 - europeu
 - protector
 - habilidoso *
7. Forma frases com os adjectivos uniformes seguintes: prudente, carinhoso, grande, gentil, saudável.
8. Sublinha os adjectivos existentes na seguinte frase:
«A televisão é o mais recente e o mais maravilhoso e moderno meio de comunicação.»
9. Procura identificar, nas frases dadas, o grau dos adjectivos.
 - a) Cabinda é uma cidade lindíssima.
 - b) Hoje o tempo está frio.
 - c) O Eugénio fez um lindo desenho.
 - d) O Pedro é tão estudioso como o João.
10. Reescreve as frases, usando o adjectivo qualificativo no grau superlativo absoluto analítico.
 - Aquele aluno é esperto.
 - O tempo hoje está péssimo.
 - Os meus colegas são amáveis.
 - O João é alto.

Consultar o
Bloco
Gramatical

Estudo do Texto

O algodão, como muitas outras plantas, poderia constituir também uma das maiores riquezas do nosso país.

1. Indica várias peças que se utilizam no dia-a-dia feitas a partir do algodão:

1.1 peças de vestuário;

1.2 roupa de mesa;

1.3 roupa de cama;

1.4 outras peças.

2. Descreve todos os passos a seguir na produção do algodão, começando assim:
Para cultivarmos o algodão, precisamos de:

1- _____

2- _____

3- _____

3. São utilizados meios de transporte neste trabalho. Com que fim?

4. As sementes do algodão são transformadas.

4.1 Como?

4.2 Em quê?

5. «Os fardos são levados para as fábricas...»

5.1 Estes fardos são de algodão. Já ouviste falar em outros tipos de fardos? Diz quais.
Encontramos no dicionário o **sinónimo** das palavras.

Sinónimos são palavras com significado semelhante.

Ex.: 1.^a frase – Os carros **antigos** eram lentos e desconfortáveis.

2.^a frase – Os carros **modernos** são velozes e confortáveis.

Modernos	=	Novos, recentes
Velozes	=	Rápidos
Confortáveis	=	Cómodos

Duas palavras dizem-se sinónimas quando se podem substituir na mesma frase.

Antónimos são palavras com significado oposto, contrário.

Antigos	≠	Modernos
Lentos	≠	Velozes
Desconfortáveis	≠	Confortáveis

Consultar o
Bloco
Gramatical



6. Descobre **antónimos** das seguintes palavras do texto:

pequena _____

juntá-lo _____

vai _____

útil _____

7. Escolhe o **sinónimo** de:

recente novo ☐
 frágil ☐
 receoso ☐

definir ☐
demarcar marcar ☐
 fugir ☐

prudente cauteloso ☐
 medroso ☐
 forte ☐

confirmar modificar ☐
 moldar ☐
 afirmar ☐

8. Escolhe o **antónimo** de:

ilusão ☐
confusão ordem ☐
 confrontação ☐

aberto ☐
estreito amplo ☐
 limitado ☐

triste ☐
risonho rico ☐
 antipático ☐

consentir ☐
concordar opor-se ☐
 cooperar ☐

9. Nas frases seguintes sublinha a **palavra ou expressão sinónima** em relação às palavras apresentadas em baixo.

- O camião levava peso a mais.
- Ontem ficou imensa comida no fim da festa.
- O aluno consciente escreve no caderno as coisas importantes.

registar

sobejar

sobrecarga

9.1 Reescreve as frases utilizando o sinónimo da palavra ou expressão.

10. Utiliza os **antónimos** abaixo descritos e diz o contrário do afirmado.

suave

gorda

pontual

atento

10.1 Que voz tão estridente. _____

10.2 Que mulher tão magra. _____

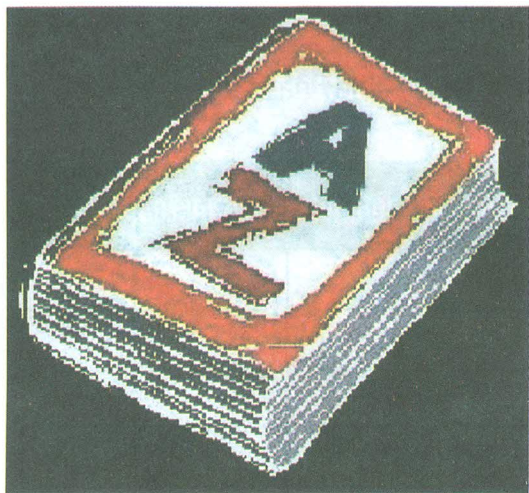
10.3 Há um professor que está sempre atrasado. _____

10.4 O João mostra-se distraído. _____





O meu dicionário



Este dicionário, que me metia medo por causa da sua grossura, é talvez de todos os meus livros aquele que consulto com mais prazer. Sem dúvida, é-me útil para os meus ditados, pois é ele que me mostra a ortografia correcta das palavras que eu não conheço ou que conheço mal; é para mim um amigo que gosto de consultar. Os meus dedos e os meus olhos passeiam nele. Às vezes, abro as suas páginas ao acaso e paro em alguns dos seus desenhos, os quais procuro para a explicação no texto. É desta forma que me torno mais sábio, mais rico em ideias e em palavras, sem esquecer que conhecer uma palavra é saber o que ela significa, como a pronunciamos e como a escrevemos.

P. Crouzet e P. Rouaix, *Gramática Elementar*,
H. Didier, édit. (traduzido e adaptado)

Estudo do Texto

Sabes, com certeza, que o dicionário é um livro que contém as palavras de uma língua, explicando o seu significado.

Para ser mais fácil procurá-las, as palavras estão organizadas por ordem alfabética (já estudaste o alfabeto nas classes anteriores).

1. Coloca por ordem alfabética os seguintes substantivos próprios:

Missanga, Rui, Ana, Cassinda, Divua, Tuluca, José.

2. Ordena, agora, estes substantivos próprios, tendo em conta a segunda letra:

António, Augusto, Aida, Arminda, Abel, Álvaro, Acácio.

● Cada língua tem o seu dicionário:

Nenhum dicionário tem todas as palavras de uma língua. Mas, por exemplo, não encontras a palavra «metia» (porque os verbos só aparecem no infinitivo, neste caso «meter»).